

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

conexão

Literatura

Abril / 2019

nº 46

www.revistaconexaoliteratura.com.br

DICAS DE LIVROS,
ENTREVISTAS COM
ESCRITORES,
CONTOS, CRÔNI-
CAS E MUITO MAIS

NO UNIVERSO DOS LIVROS

FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES



SUMÁRIO

ABRIL DE 2019

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03

Poema: "Voando nas trevas", por Roberto Schima, pág. 05

Resenha: "Recortes de uma paixão", por Rafael Botter, pág. 08

Dicas de livros: págs. 10 e 11

Artigo Científico: A literatura brasileira em concursos vestibulares, por Marcos Pereira dos Santos e Willian Wolmar Ferreira, pág. 13

Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 18

Entrevista com a autora Solange Pansieri, pág. 20

Entrevista com a autora Leticia Mariana, pág. 24

Conto: "Leonor", por Míriam Santiago, pág. 27

Conto: "O Poço Maldito", por Gerson Avillez, pág. 32

Conto: "Tio Vampiro", por Roberto Schima, pág. 37

Saiba como divulgar, anunciar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 83

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Rafael Botter - Colunista/Colaborador

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa e diagramação: Ademir Pascale.

Patrocinam esta edição:

Míriam Santiago - Roberto Schima - Gerson Avillez - Solange Pansieri - Leticia Mariana - Marcos Pereira dos Santos

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: **www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html**

Para entrar em contato: **ademirpascale@gmail.com**

c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: [@conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)

Twitter: [@ademirpascale](https://twitter.com/ademirpascale)

Instagram: [revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)



EDITORIAL

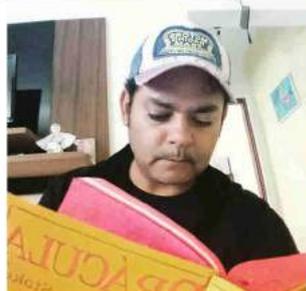
O mês de abril chegou com mais uma edição pontual da *Revista Conexão Literatura*, recheada de informações, dicas de livros, entrevistas com escritores, contos, crônicas e muito mais

Tenham uma ótima leitura

P.S. Deixamos um canal aberto para *feedback* dos leitores. Basta escrever para: ademirpascale@gmail.com

Acesse

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe



VOANDO NAS TREVAS

POR ROBERTO SCHIMA

Nas vastas planícies da Valáquia,
Eu me perdi.
Diluindo-me em sombras e névoa,
Sob um gélido luar.
Eu me perdi.
Ser... sem ser.
Inspirando o aroma da noite
Em um coração frio para a vida.
E, todavia...
Ele se aquece com as lembranças
De uma vida há muitas vidas:
Flores douradas na primavera,
O sorriso de Nadia no verão,
Retinir das armas no outono
E o odor de morte no inverno.
Ah, deuses pagãos do céu e do inferno,
O tempo não existe para mim.
Eu me perdi.
Dissipando-me na escuridão,
Tornando-a parte de mim.
Eu me perdi.
O castelo de meus ancestrais
tombou.
Mãos de eras impuras dele fizeram
pó.
Planícies sumiram sob estranhas
construções.
Que mundo é esse, doce Nadia?
Observo águias de metal rasgarem o
céu,
Violam estrelas valaquianas.
Torres de vidro, monolitos de cristal,
Armas que rugem fogo,
Pessoas perecem sem saber a cor do
olhar inimigo.
E chamavam-me monstro!
Ah, Nadia, aonde você foi?
Seu calor, seu cheiro, a alvura de sua
carne...
A candura transformada em compreensão,

VOANDO NAS TREVAS

POR ROBERTO SCHIMA

O horror consumido em um grito.
Nadia...

Eu me perdi neste mundo,
Cujas formas, sons e cores não mais
reconheço.

Eu me perdi nesta Valaquia.
Que traz outro nome, outros líderes,
Outras lembranças que não as
minhas.

Perdi tudo, querida Nadia,
Você mais que tudo.
Em troca de sangue e vida sem fim.
Longa vida.

Vida na morte, morte em vida.
Mãos banhadas em um rio de sangue.
Sentimentos convertidos em nada,
Dissolvendo-se no sereno,
E uma alma preenchida pelo vazio.
O vazio de seus lábios, Nadia,
Silenciados para sempre.
Séculos sem fim.

Das terras, de todos os lugares e hori-
zontes,
Somente as estrelas são as mesmas;
Companheiras mudas que, como eu,
Partilham a solidão e o frio da noite,
Através das eras.
Eternidade.

Pequena biografia:

Roberto Schima. Autor de "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbografia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participa da revista "Conexão Literatura" desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Clube de Autores, agBook, Amazon ou nos links abaixo:

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br

LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess
sees the things we can't brush into place
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
I say, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
e, I'm not sleeping."
at the white door
middle
all night.

Recortes de uma paixão

RESENHA

por Rafael Botter

O que você faria se estivesse apaixonado por duas pessoas? Daniel é de família humilde e tem o sonho de passar no vestibular para Medicina. Rebeca nutre uma paixão por Daniel e Lúcia completa o triângulo amoroso. Cheio de dúvidas e inseguranças, Daniel faz escolhas que vão cobrar-lhe um preço muito alto. Recortes de uma paixão é uma história de amor, de família e de decisões e suas consequências. É uma história sobre a alegria do primeiro amor, de redenção, esperança e confiança em seu poder. Uma história que nos transporta para uma época gostosa, a adolescência, aquele período de descobertas e incertezas que podem mudar para sempre o rumo de uma vida.

Resenha Literária

Recortes de Uma Paixão, novo romance do autor Wallery Giscar (Ajuste de Contas), em seu novo livro, um triângulo amoroso prenderá o leitor logo nas primeiras páginas.

Daniel é o personagem principal, um jovem sonhador que tem como objetivo principal passar no vestibular de medicina. Porém, todo jovem se apaixona, eis que surge Rebeca.

Beca (para os mais íntimos), nutre uma paixão verdadeira por Daniel, nem tudo são flores!

Lucia, uma jovem da alta sociedade, aparece na



vida de Daniel, deixando-o completamente louco de amores por ela. Sem pensar duas vezes engata um relacionamento com Lucia, sendo assim, traindo Beca e formando um triângulo amoroso.

Wallery Giscar possui uma escrita impecável, fluída e sem amarras, outro destaque positivo é na construção dos personagens, deixando uma leitura dinâmica, levando o leitor para dentro da história.

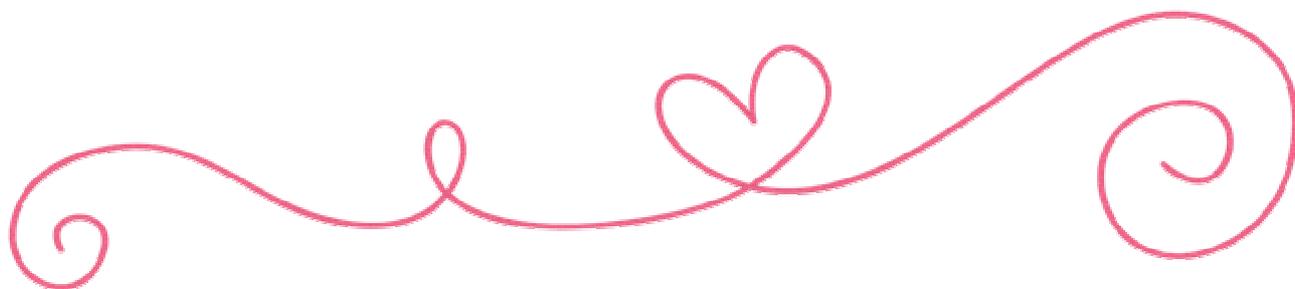
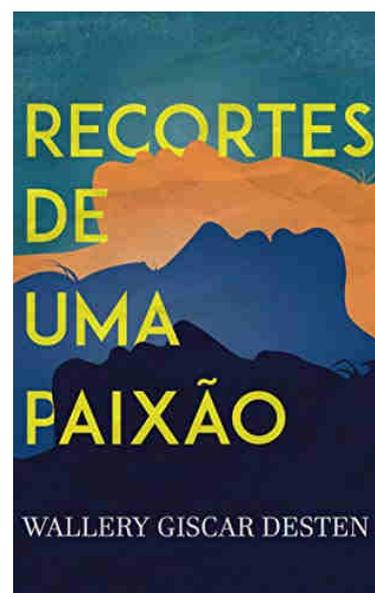
Daniel passa por diversas provações, tendo questões amorosas para serem resolvidas, além da pressão dos pais

para melhorar suas notas no colégio, afinal, o seu objetivo é tornar-se médico.

A obra possui inúmeras reviravoltas, não é apenas um simples livro recheado de amor, partindo do drama até chegar em aventuras do qual o leitor sentirá na pele.

Se vale a pena? Sim! Uma obra indicada para ser apreciada em um final de semana tranquilo.

Título: Recortes de Uma Paixão
Autor: Wallery Giscar
Editora: Independente
Páginas: 153
Ano Lançamento: 2018

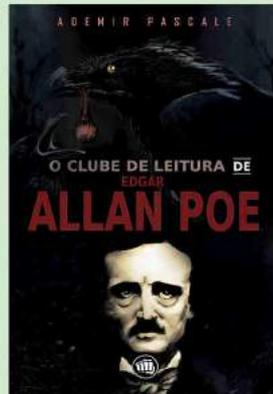


Rafael Botter vive em Ibitinga (São Paulo). Escreve para o blog Livreando: <http://www.livreando.com.br> e Traveling Between Pages: <http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br>. E-mail: botter.rafael@gmail.com.



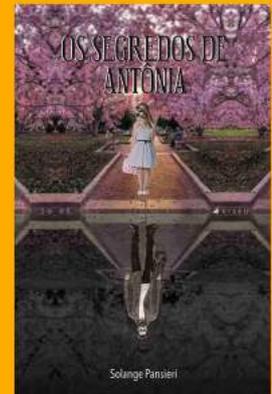
Mentes Únicas
Luciana Brites e Dr. Clay Brites

Acesse



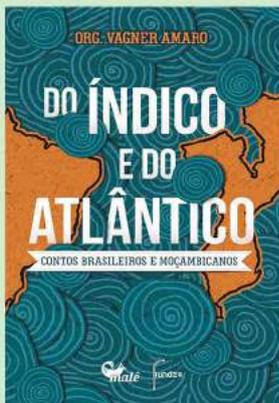
O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe
Ademir Pascale

Acesse



Os Segredos de Antônia
Solange Pansieri

Acesse



Do Índico e do Atlântico
Org. Vagner amaro

Acesse



Recortes de uma paixão
Wallery Giscar Desten

Acesse



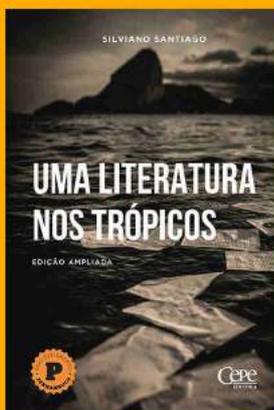
Enterrando Gatos
Rafaela Tavares Kawasaki

Acesse

*“A palavra é meu domínio sobre o mundo.”
– Clarice Lispector*

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





Uma literatura nos trópicos
Silvano Santiago

Acesse



A tragédia de Fidel Castro
João Cerqueira

Acesse



As duas trindades
Diego Binotto

Acesse



Competências socioemocionais na escola
Paty Fonte

Acesse



Sob a luz da escuridão
Ana Beatriz Brandão

Acesse



Diário Secreto
Marcos Well

Acesse

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício.”
– Graciliano Ramos

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





Wellington Budim

Sinopse

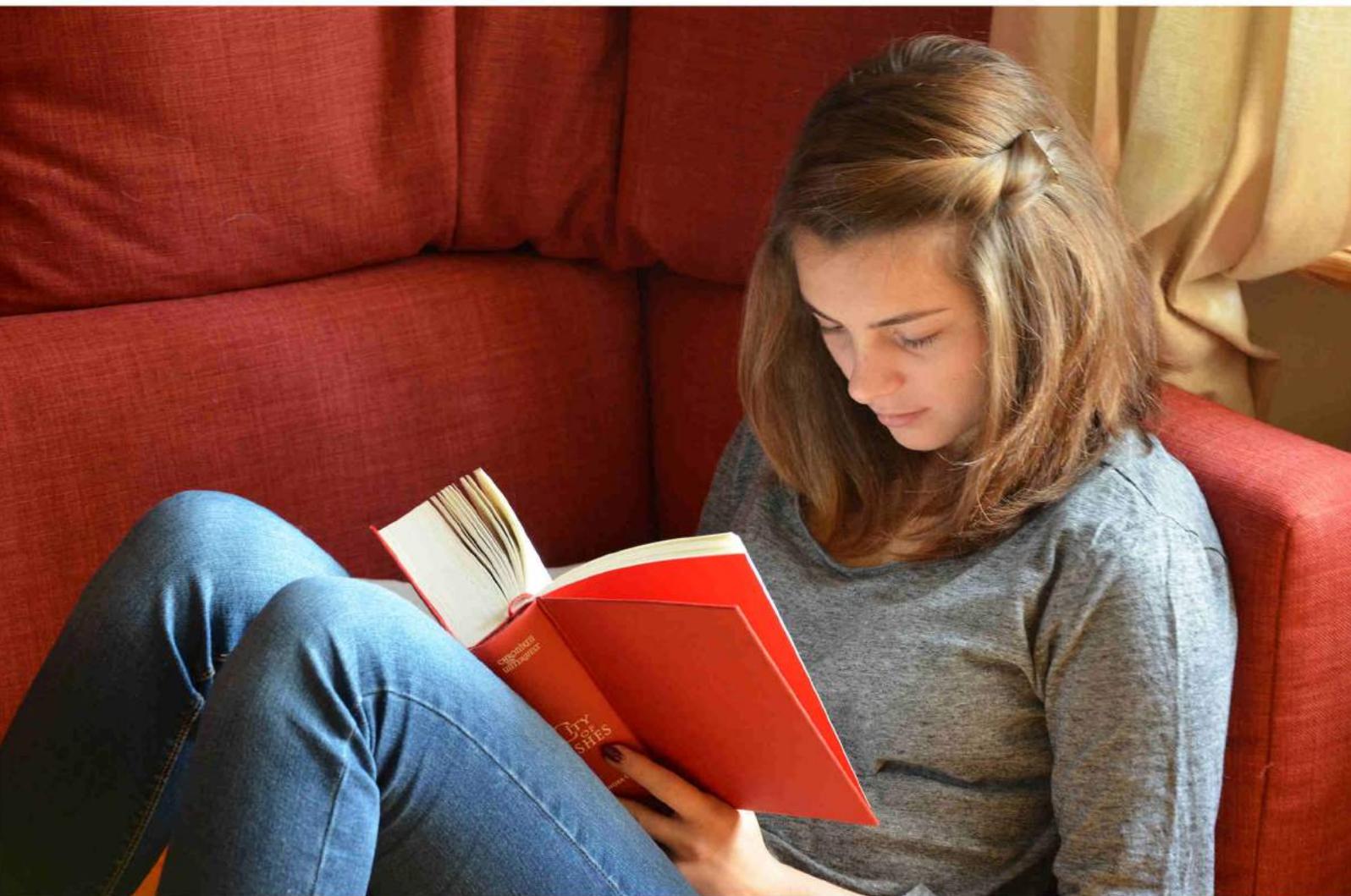
Uma garota que foi assassinada de forma brutal é encontrada boiando no lago do parque do Ibirapuera. As investigações levam os oficiais de justiça a acreditarem que estão diante do crime perfeito, até que uma pequena prova é encontrada durante a autópsia. Um papel com uma letra e dois números: R67. A garota é Amanda Fortes, uma stripper do Babylon Night Club, e seu assassinato se torna uma incógnita nas mãos da polícia. Enquanto as investigações prosseguem, as pessoas que a conheciam tentam entender quais motivos alguém teria para fazer algo tão hediondo com a garota e, então, segredos de um passado não tão distante começam a vir à tona, fazendo com que mais mentiras sejam contadas. Ninguém é tão inocente quanto aparenta ser, e o assassino de Amanda sabe disso. Qual terá sido o seu pecado? Teu pecado é o livro de estreia de Wellington Budim e promete prender o leitor do começo ao fim neste suspense policial.

SAIBA MAIS:

www.facebook.com/teupecadooficial

A LITERATURA BRASILEIRA EM CONCURSOS VESTIBULARES:

INDICATIVOS DE LEITURA EFICAZ
E MÉTODOS AVALIATIVOS DE
SUCESSO



POR MARCOS PEREIRA DOS SANTOS E
WILLIAN WOLMAR FERREIRA

Artigo Científico

Este artigo acadêmico-científico objetiva trazer a lume algumas análises crítico-reflexivas concernentes à Literatura Brasileira no contexto dos concursos vestibulares promovidos pelas universidades públicas e por instituições particulares de Educação Superior no Brasil contemporâneo, tomando-se como eixo basilar de discussão alguns indicativos para o desenvolvimento de uma leitura eficaz das obras literárias recomendadas e a utilização de métodos avaliativos de sucesso que podem e devem ser propostos por faculdades e universidades para a realização de concursos públicos e exames vestibulares no que tange à disciplina curricular de Literatura Brasileira, em específico.

Leitura, Literatura e vestibular: eis uma trilogia “fantasmagórica” que assola a vida escolar de muitos estudantes do Ensino Médio que estão em fase preparatória almejando a conquista de uma vaga na universidade!

É tautológico afirmar que os concursos vestibulares, no Brasil, ainda continuam sendo um “bicho-papão” para alguns educandos do ensino secundário (WHITAKER, 1985), dado o fato de que em torno de tal processo seletivo, classificatório e excludente gravitam concepções, mitos, tabus, estereótipos, imaginários e representações sociais de toda ordem, englobando diferentes situações e circunstâncias; tais como, por exemplo: medos, receios, disputas, classe social, concorrência candidato-vaga, modo de preparação escolar, campo de trabalho, remuneração financeira, *status* social, sistema de cotas para ingresso em universidades públicas, nota de Redação, políticas educacionais, ideologias, potencialidades, limitações, desafios, perspectivas, dentre outras.

Além dos exames vestibulares, outro ponto nevrálgico que merece ser destacado diz respeito à leitura na escola brasileira de Educação Básica, haja vista que significativa parcela da população e dos estudantes em idade escolar não são muito adeptos do hábito de leitura, conforme revelam alguns dados estatísticos coletados, em 2018, pelo Ministério da Educação (MEC) e já identificados por Saveli (2003); deixando, portanto, o Brasil em um péssimo *ranking* em termos de desenvolvimento nacional e desempenho dos educandos, prioritariamente nas disciplinas curriculares de Língua Portuguesa e Matemática.

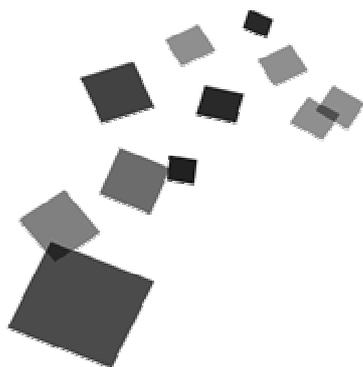
Ler e escrever são, grosso modo, dois verbos que se ‘conjugam juntos’, pois quem não faz da leitura um hábito cotidiano, tem grande dificuldade para se expressar, se comunicar e redigir textos escolares e acadêmicos em diferentes estilos ou gêneros textuais e literários (narração, descrição, dissertação, ensaio científico, artigo científico, resenha, resumo, *paper*, conto, crônica, poema/poesia, epopeia, romance, texto teatral, aforismo, ficção, drama, novela, autos, comédia, tragédia, tragicomédia, dueto, soneto, terceto, haicai, aldravia, poemeto, trova/quadrinha, glosa, elegia, texto de cordel, charges, tirinhas, etc.).

A leitura amplia os horizontes do(a) leitor(a), emancipando-o(a). Para tanto, deve-se efetuar uma leitura atenta, minuciosa, criteriosa, analítica, crítica e reflexiva, de modo que o(a) leitor(a) possa interagir dialeticamente com o texto escrito, opinando, comentando, discutindo, concordando ou discordando do(a) autor(a) do mesmo.

Sobre a prática de leitura de textos dentro e fora do âmbito escolar podemos dizer, em suma, que a mesma se configura como importante veículo de informação e comunicação para:

[...] vivenciar experiências com textos produzidos em *diferentes práticas sociais*: crônicas, piadas, poemas, causos populares, textos de opinião, reportagens, charges, histórias em quadrinhos, teatro, cordel, romances, contos, textos instrucionais, etc.; percebendo, em cada um deles, a *presença de um sujeito histórico e de uma intenção*. A leitura desses textos irá ajudá-lo, gradativamente, a ampliar seus horizontes,





fazendo-o identificar as várias nuances no trato com as palavras, sempre envolto em intenções. É importante acrescentar, ainda, que as *práticas de leitura* devem lhe proporcionar tanto a construção do *sentido do texto* quanto a percepção das *relações de poder inerentes* a ele. A leitura, nessa perspectiva, não pode estar dissociada da vida. Nesse sentido, *não é possível restringir a leitura ao que o(a) autor(a) quis dizer*, mas *aprimorar a reflexão*: o fundamental é o que o texto diz a você, leitor(a), pois é a sua *interação com o texto que vai atribuir sentido(s) à leitura*. Um(a) aluno(a), bom/boa leitor(a), não se contenta com a seleção de textos ou obras literárias feita pelo(a) professor(a) na escola, mas mistura as suas leituras com aquelas que o(a) professor(a) solicitou. Dessa combinação é que advém, portanto, os *sentidos e significados daquilo que se lê*. (LINS *et al*, 2006, p.13; grifos nossos)

Trata-se, pois, de o(a) leitor(a) adotar distintas estratégias técnico-metodológicas para ler e reler (se necessário e quantas vezes lhe aprouver) um texto com fluidez e de forma eficaz e eficiente, a fim de alcançar assim um aprendizado realmente consistente e deveras significativo acerca das informações nele contidas.

Na escola regular de Ensino Médio, no Brasil, várias obras literárias têm sido trabalhadas em sala de aula pelos professores de Língua Portuguesa e recomendadas aos alunos para leitura, tendo como foco principal os exames vestibulares e, por consequência, os concursos públicos em geral. Todavia, torna-se imprescindível que tais livros de Literatura Brasileira sejam explorados ao máximo e a contento pelos docentes, cuja função didático-pedagógica também é a de bem ensinar os educandos a ler corretamente, num viés analítico, comparativo e crítico-reflexivo, as obras literárias propostas.

Dizemos isso, porque faz-se profícuo que as obras literárias indicadas para leitura sejam, num primeiro momento, lidas de modo individual e criterioso pelos estudantes, no intuito de que os mesmos possam contextualizar os acontecimentos descritos, elencar aspectos de cunho sócio-histórico, apontar características e estilos de época, identificar pontos relevantes e nevrálgicos, efetuar analogias, compreender, analisar e interpretar a obra literária como um todo, situando-a no âmbito de alguma das escolas literárias brasileiras existentes (Quinhentismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo-Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo ou Modernismo); em conformidade com o que asseveram Faraco e Moura (1993), Martins e Ledo (2004) e Martins (2006).

A posteriori a estas ações desenvolvidas pelos educandos, pode e deve o docente da disciplina curricular de Língua Portuguesa e Literatura, na escola, tecer comentários relevantes e significativos acerca da obra literária proposta para leitura, situando-a no tempo e no espaço (histórico, geográfico, social, cultural, político, econômico, ético, moral, religioso, etc.), bem como no contexto da escola literária a que pertence.

Afora isso, é interessante também pontuar alguns aspectos referentes à biografia do(a) autor(a) da obra literária em questão – origem social, estilo de vida, traços de personalidade, concepções, qualidades, frustrações, formação escolar e acadêmica,

situação econômica e de vida social, dentre outros fatores (OGLEARI; BETTES, 2016), uma vez que tais informações permitem ao leitor e à leitora melhor compreender a visão do(a) autor(a) da obra literária acerca do tema ou assunto abordado em todas as suas facetas, matizes e nuances.

No que tange à leitura de obras literárias, em específico, seja para a realização de exames vestibulares ou demais concursos públicos, torna-se fundamental que o estudante: 1) tenha organização; 2) seja disciplinado quanto ao ato de estudar (cronograma de horários); 3) estude em seu ritmo próprio de aprendizagem; 4) leia atentamente a obra literária buscando identificar o enredo da obra, o estilo de época, a escola literária, o gênero textual predominante, o contexto social e histórico da época, os personagens principais e secundários, os fatos decorridos e a intencionalidade do(a) autor(a) da obra; 5) grife destacando as palavras-chave e ideias centrais contidas na obra literária; 6) elabore resumos/sinopses, esquemas, roteiros e/ou resenhas acerca da obra literária que fora lida; 7) assista a filmes alusivos à obra literária em questão (se houver acervo disponibilizado); 8) crie grupos de estudo com colegas (de forma presencial, em *whatsapp*, nas redes sociais – *facebook*, *instagram*, *twitter*, *orkut*, etc.) para discutir, analisar e refletir criticamente sobre a obra literária; 9) releia a obra literária quantas vezes julgar necessário; e 10) recapitule a matéria ou o conteúdo de estudo ao menos uma semana antes da realização do concurso público ou exame vestibular (*feedback* geral).

Nesse contexto, entendemos ser prudente, didático e pedagogicamente correto que as instituições públicas e privadas de Ensino Superior, no Brasil, elaborem as provas da área de Literatura Brasileira destinadas à realização de concursos públicos e exames vestibulares não no âmbito de uma pedagogia de educação tradicional/conservadora e arcaica, onde a memorização de datas históricas e de nomes de célebres literatos seja o fator preponderante, mas na perspectiva de uma *pedagogia educacional histórico-crítica* (progressista ou crítico-social dos conteúdos), com *questões avaliativas contextualizadas e num viés inter, pluri e transdisciplinar*, de modo que o mais importante seja realmente levar os estudantes a uma reflexão crítica acerca da obra literária, verificando assim, qualitativamente, a sua capacidade de síntese, de estabelecer analogias e conjecturas, de análise do discurso, de análise de conteúdo e de análise de conjuntura; segundo o que apregoam as orientações didático-pedagógicas e metodológicas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e as novas diretrizes educacionais propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Face ao exposto, almejamos sinceramente que cada leitor(a) deste breve artigo acadêmico-científico possa, de fato, perceber e compreender a conexão umbilical, a relação dialética e o entrecruzamento existente entre leitura e Literatura, uma vez que ambas são, de acordo com Silva (2003, p.125), “[...] como uma bola de neve, que vai rolando no tempo e juntando mais elementos através de movimentos de interação. A partir de um texto-gerador, cada autor(a) e leitor(a) lê e reage, lê e questiona, lê e propõe, lê e se transforma continuamente no processo”.

Quiçá que seja possível também melhor entender a indissociabilidade dos binômios língua-linguagem, leitura-escrita, ensino-aprendizagem e educador-educando, a fim de que a escola brasileira do século XXI possa conquistar a qualidade tão almejada para a Educação e, em especial, para a área de Língua Portuguesa e Literatura.

É o que realmente desejamos, sem jamais perder a fé e a esperança (virtudes teológicas!), tendo em vista a construção de um mundo e de uma sociedade mais justa, ética, fraterna, equânime e democrática para todas as pessoas.

Referências

- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Língua e literatura**. 2º grau. v.1; 2 e 3. 13.ed. São Paulo: Ática, 1993.
- LINS, A. E. L. N. *et al.* **Língua portuguesa e literatura: ensino médio**. Curitiba: SEED-PR, 2006. (Coleção Livro Didático Público – Projeto Folhas).
- MARTINS, P.; LEDO, T. O. **Manual de literatura: literatura portuguesa e literatura brasileira**. São Paulo: Editora DCL, 2004. (Coleção Guia Prático da Língua Portuguesa).
- MARTINS, R. **Literatura**. São Paulo: Editora Didática Paulista, 2006. (Coleção Atlas do Estudante).
- OGLEARI, B.; BETTES, F. **Resumos de literatura**. Curitiba: Editora da UFPR, 2016.
- SAVELI, E. L. **Leitura na escola: as representações e práticas de professores**. Curitiba: Fortun & Granchelli, 2003.
- SILVA, E. T. Formação do leitor virtual pela escola brasileira: uma navegação por mares bravios. In: _____. (Coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, p.115-126, 2003.
- WHITAKER, D. **A escolha da carreira**. São Paulo: Moderna, 1985. (Coleção Profissões – Projeto Passo à Frente).

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Pesquisador das áreas de Ciências da Religião e Ciências da Educação. Escritor, trovador, poeta, cronista, ensaísta, articulista, antologista, aldravista e haicaísta ao estilo oriental. Professor universitário em Ponta Grossa/PR. *E-mail:* mestrepedagogo@yahoo.com.br

Willian Wolmar Ferreira – Brasileiro. Natural da cidade de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Literato amador. Defensor militante pela causa dos direitos humanos e pela educação escolar de qualidade para todos. Exímio profissional das áreas de segurança e construção civil em Ponta Grossa/PR. *E-mail:* willianwferreira@gmail.com

conexão Literatura

Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

www.dragoeditorial.com

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

dose-of-poetry.blogspot.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

suka-p.blogspot.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

www.sugestoesdelivros.com

deusa1000.wixsite.com/leituracomcafe

www.encantoliterario.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.livreando.com.br

coleccionadoromances.blogspot.com.br

ateultima pagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

www.estantedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

esoponovagao.blogspot.com.br

www.salaliteraria.com.br

www.cafeinaliteraria.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

viajandonossoslivross.blogspot.com.br

www.submersaempalavras.com

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



Os Segredos de Antônia

Solange Pansieri

SINOPSE

João Pedro cresce dando trabalho em todas as fases de sua vida. Casa-se com Clarice que, sofre com essa união precipitada.

Porém, consegue resgatar seus débitos do passado. João Pedro atrai para si uma doença incurável. E após seu desencarne, Clarice refaz a vida num novo casamento. Mas logo é surpreendida pelo destino. João Pedro reencarna num corpo feminino com o nome de Antônia, que sofre todas as represálias possíveis do destino. Mas através da busca de sabedoria, consegue vencer os obstáculos de sua vida.



PARA ADQUIRIR O LIVRO
— CLIQUE AQUI —

Facebook: Solange Pansieri
E-mail: solangechaaban@hotmail.com

ENTREVISTA COM

—— Solange Pansieri ——

Nascida na cidade de Terra Rica no estado do Paraná, no ano de 1966. Hoje reside na cidade de Marília, no interior do estado. Professora aposentada desde 2017 dedica seu tempo a leituras e pesquisas sobre de tudo um pouco. É autora de três livros e o quarto já se encontra em andamento.



Por Ademir Pascale

Entrevista com escritores

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Solange Pansieri: Desde criança gostava de escrever como forma de desabafo. Era como se eu tivesse um amigo invisível que lia tudo aquilo e me ajudava sem que ninguém ficasse sabendo. Eu escrevia coisas bonitas, mas também, tristes. Depois descartava tudo e me sentia leve. Assim foi durante toda a minha vida.

Minha primeira obra foi um livro de poesias, lançado em uma editora de Lisboa Portugal. No qual dediquei ao meu filho falecido em 28 de setembro de 2014 de uma forma trágica.

E depois disso, em todos os meses, no dia 28, ao invés de chorar a sua ausência, escrevo uma poesia e ofereço a ele, para que assim eu sinta, de alguma forma, a sua presença. Também faço poesias para outras mães enlutadas que me pedem.

Faço com prazer sem esperar nada em troca.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Os Segredos de Antonia” (Editora Viseu). Poderia comentar?

Solange Pansieri: Embora seja um romance espírita, acredito que seu conteúdo possa ser de grande valia para todas as pessoas, independente da religião. Pois contém ensinamentos básicos e úteis para entendermos que, para tudo há uma resposta e nada é por acaso. Nada está errado, nem adiantado e nem atrasado. Por tanto, cabe a nós aceitar os acontecimentos com resignação, sem murmúrios e vitimismo.

Conexão Literatura: Como foram as suas

pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Solange Pansieri: Esse meu terceiro livro demorou quase um ano para ser finalizado.

Foi necessário muita pesquisa a cerca dos conteúdos culminados com as minhas intenções na publicação.

Queria publicar algo que pudesse ajudar as pessoas a repensar certas atitudes e facilitar as fases difíceis da vida.

Eu deixava próximo a mim um caderno e uma caneta. E quando vinham me as ideias eu as registravam.

Confesso que as vezes, nem eu mesma sei como consegui escrever esse romance. Principalmente a primeira parte dele.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Solange Pansieri: Não há uma parte específica. Mas esta minha poesia que considero especial, resume o livro todo.

Pedras no caminho

Entre vitórias e feridas,
 No caminho pela vida,
 A esperança é bem vinda,
 Nas mazelas ocorridas,
 Em palavras não ouvidas,
 E ordens não obedecidas,
 Nas desculpas oferecidas,
 Até nas que não foram pedidas,
 Por coisas não resolvidas,
 Palavras mal entendidas,
 Pelas estradas percorridas,
 Nos tropeços sem saídas,
 Pelas escolhas indevidas,
 Bênçãos não merecidas,
 Mas mesmo assim, concedidas.

Solange Pansieri

Conexão Literatura:

Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Solange Pansieri: Através do site da editora Viseu, e em breve em várias lojas virtuais.

Ou direto comigo nas minhas redes sociais, facebook ou pelo meu email.solangechaaban@hotm.com

Conexão Literatura:

Existem novos projetos em pauta?

Solange Pansieri: Sim, recentemente fui convidada a escrever um livro junto com uma outra pessoa, serei uma espécie de Coaching, porém o livro terá dois autores.

Me sinto lisonjeada por este convite e já ansiosa pelo produto final.

Perguntas rápidas:

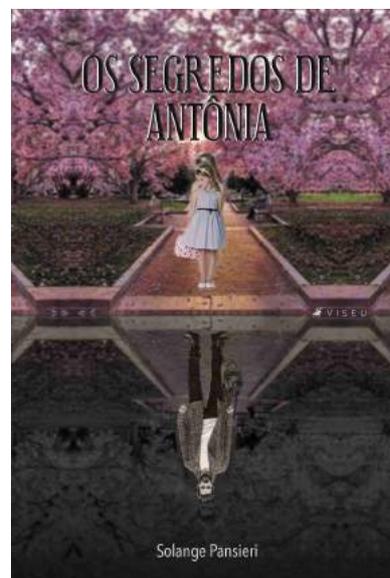
Um livro: Amor além da vida

Um (a) autor (a): Zíbia Gasparetto
Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro
Um filme: Como eu era antes de você.
Um dia especial: Há vários, mas nenhum específico.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Solange Pansieri: Quero agradecer a participação nesta entrevista.
Muito obrigado.

Título: Os Segredos de Antônia
Autora: Solange Pansieri
Editora Viséu
Páginas: 220
1ª Edição
Ano: 2018



*Ademir Pascale é Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar. Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Já publicou contos no Brasil, França, Portugal e México. Organizador e criador da obra “Possessão Alienígena” (Editora Devir), autor do romance “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe”, lançado pela editora Selo Jovem. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas, heróis da Marvel, DC e HQs. E-mail: ademirpascale@gmail.com

LIMBOGRAPHIA

por Roberto Schima



Vinte contos de ficção científica e fantasia em sua maior parte, entre os quais a história "Como a Neve de Maio", vencedora do Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record).

Olhe lá fora. A noite caiu e as estrelas continuam a brilhar no céu como antigamente, embora já não tão nítidas. Aparentam estar ao alcance de nossas mãos. Está vendo?

Existe o silêncio. Existe o mistério.

Existe o sonho.

Respiremos fundo o ar frio e úmido:

Fechemos bem os olhos e, com toda a paixão...

Ergamos os braços.

Roberto Schima

Nasceu na cidade de São Paulo/SP em 01/02/1961. É neto de japoneses, por mais que o seu sobrenome pareça alemão. Faz ilustrações, escreve contos e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37, de Julho de 2018.

Informações: Google e sites do gênero.

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



Para obter o livro (edição em papel - com ou sem capa dura - ou digital):

<https://www.clubedeautores.com.br>

<https://www.agbook.com.br>

ENTREVISTA COM — LETICIA MARIANA —

Tenho 18 anos, sou escritora, poetisa e palestrante. Aos 8 anos já tive poesias publicadas em jornais, fazia livrinhos artesanamente e vendia aos conhecidos. Comecei a escrever meu primeiro livro aos 15 anos, finalizei aos 17.

Por Sérgio Simka e Cida Simka

Entrevista com escritores

Fale-nos sobre seu livro.

"Entre Barbantes" é uma obra intensa, reflexiva e misteriosa, pelo menos é o que pretendo transmitir. Uma ficção entremeada de poemas, mistura clichê e original. O maior mistério é quem narra o enredo, tal mistério jamais será revelado e a interpretação é ampla. Vitória, personagem principal, existe. Mas qual seria sua missão? Qual é a mensagem que Vitória, menina-mulher, quis passar? Depende muito.

O que a motivou a escrevê-lo?

A sede que carrego desde que nasci. Sede de deixar meu recado ao mundo e viver pela literatura. Eu respiro a escrita, engulo alfabetos e renasço. Sempre quis escrever um livro, mas precisava de tempo para tudo sair como planejado.

Os rascunhos que fiz em 2014 foram essenciais, muitos deles escrevi em restaurantes e até livrarias. A minha livraria favorita é a Travessa e mentalizava, todos os dias, meus exemplares lá.



Como analisa a questão da leitura no país?

É uma questão muito ampla. A principal é a educação e não precisa ter doutorado para afirmar. Creio que alguns docentes não são suficientemente capacitados para incentivar a leitura, mostrar que ler não é obrigação e sim diversão. O preconceito literário é um assunto a ser debatido. Qual é a diferença entre ler autoajuda e clássicos? Mistério ou romance? Poesias ou biografias?

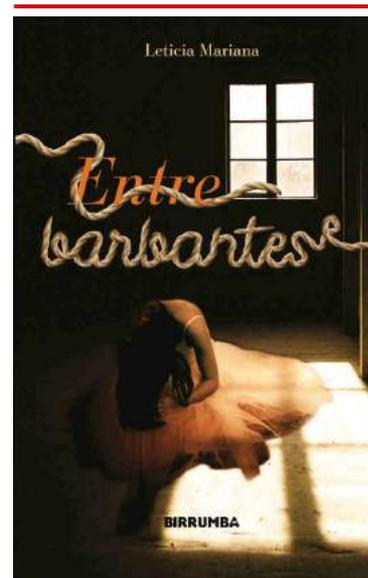
Não há. O que diferencia as obras é a qualidade do conteúdo, escrita e talento do autor. Leitores são iguais e compartilham a mesma paixão, mas enquanto pseudointelectuais menosprezam, humilham e separam, novos leitores se afastam e desistem do objetivo. Outro quesito é o empreendedorismo. Não necessariamente precisamos contar somente com o governo na luta de expandir cultura. Empreendedores bem-intencionados devem investir nisso sem medo e de forma democrática. Não em formas de editoras e livrarias, mas algo que a sociedade possa aproveitar de fato, fugir da mesmice e fazer o dinheiro circular sem separar cidadãos por cor, gênero ou classe social.

Quais os seus próximos projetos?

Meu segundo livro está quase finalizado, mas prefiro não estragar surpresas e preservar o título. Pretendo palestrar em colégios, faculdades e eventos. Minha principal palestra é motivacional. Conto sobre minha infância e sonhos, bullying na pré-adolescência, críticas destrutivas

sobre meu objetivo, transtornos mentais e tratamento, ansiedade, processos de escrita e autoestima. em colégios, faculdades e eventos. Minha principal palestra é motivacional. Conto sobre minha infância e sonhos, bullying na pré-adolescência, críticas destrutivas sobre meu objetivo, transtornos mentais e tratamento, ansiedade, processos de escrita e autoestima.

Autora: Leticia Mariana
Ano: 2018
Páginas: 300
Gênero: Romance
Selo Birrumba



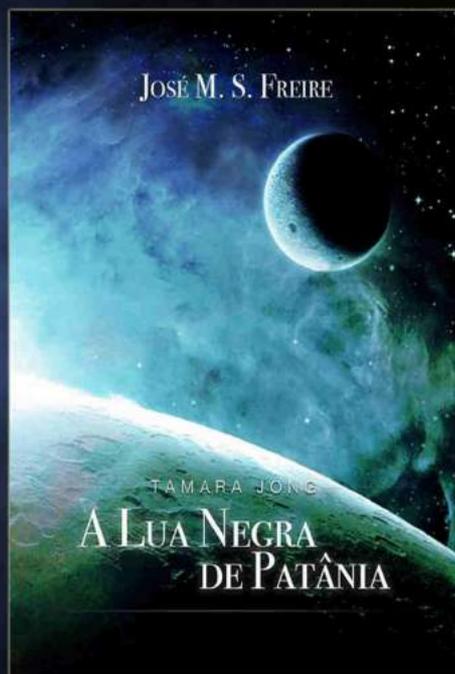
*Sérgio Simka é professor universitário desde 1999. Autor de cinco dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a Série Mistério, publicada pela Editora Uirapuru. Organizador dos livros Uma noite no castelo (Selo Jovem, 2019) e Contos para um mundo melhor (Xeque-Matte, 2019). Membro do Conselho Editorial da Editora Pumpkin e integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC.

Cida Simka é licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Coautora do livro Ética como substantivo concreto (Wak, 2014) e autora dos livros O acordo ortográfico da língua portuguesa na prática (Wak, 2016), O enigma da velha casa (Uirapuru, 2016) e “Nóis sabe português” (Wak, 2017). Organizadora dos livros Uma noite no castelo (Selo Jovem, 2019) e Contos para um mundo melhor (Xeque-Matte, 2019). Integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC.

TAMARA JONG

A Lua Negra de Patânia

— José M. S. Freire —



Muitas aventuras aguardam por você no terceiro e-book da saga Tamara Jong, do autor José M. S. Freire.

PARA ADQUIRIR O LIVRO
— CLIQUE AQUI —



LEONOR

por Míriam Santiago

Conto

Passava férias com minha mãe em São José do Egito. Você conhece esse lugar querido leitor? Pois bem, nem eu sabia de sua existência até o verão de 1978, quando meus pais separados, a mãe resolveu me levar para lá com ela. O município está situado no Sertão Pernambucano, pelos povoados de Batatas, Curralinho e Mundo Novo, entre outros. Digo a vocês que de início não gostei da proposta dela, mas depois achei o passeio interessante, e uma pessoa que conheci por lá, um repentista chamado João Estranho, me “ajudou” a

obter uma premiação de melhor conto na escola escrevendo sobre ele.

E lembro-me como se fosse hoje quando andávamos pelo centro da cidade, nos deparamos com João Estranho, apelidado pelos colegas repentistas por conta de seus versos estranhos e melodia prá lá de exótica!

Ao caminharmos pela praça principal, encontramos várias duplas de repentistas que cantavam e alegravam turistas com suas violas foi quando o avistei isolado dos demais encostado no muro da igreja. Puxei minha mãe pelo braço e a conduzi

para o outro lado da praça, onde estava sozinho o tão homem. Ele era alto, encorpado, cabelos curtos, vestido com camisa estampada e calça de tergal azul, mas o que me chamou atenção foi o tapa-olho.

Ao passarmos perto dele, o homem foi logo nos chamando:

— Seu menino, dona moça, um minuto de atenção, não demoro a cantar a minha sofridão!

— Mãe, vamos ouvir a música, que tal?

— Ele me pareceu interessante e minha mãe, que não tinha nada a fazer naquele pequeno pedaço do mundo nordestino, parou e ficamos aguardando o homem compor e tocar sua viola. A música era mais ou menos assim:

Olhem só, escutem com atenção o que tenho a contar
 é uma história de amor
 amor verdadeiro, mas com dor
 eu já contei várias vezes, e torno a cantar
 falo sozinho, com letras ao ar.
 E pra buscar inspiração,
 busco na minha respiração.
 Na mais profunda tradição
 Já que nada mudei
 E nunca pequei.

A história começa assim
 caminhava eu por este sertão sem fim
 quando um dia me deparei
 com o senhor Serafim!
 Ele era pedreiro, marceneiro e pintor
 fazia tudo com muito amor.
 E não era pra menos,

já que a família era grande
 com muitas bocas a alimentar,
 mas é somente de uma que ousou
 expressar!

Logo que o conheci ele começou a
 conversar

Mostrou sua vida, a mulher e as filhas
 estavam vestidas com muita renda e
 fitilhas,
 tão arrumadas que mal conseguiam
 andar!

Achei aquilo engraçado,
 mal sabia eu que estava enrascado.
 E que uma paixão vinha a todo vapor.
 Meu coração livre de sentimento
 começou a bater forte por um momento
 logo que vi a Leonor.

A mais bela das irmãs,
 fina flor, sedutora e formosa
 quando sorria ficava ainda mais
 charmosa,
 mas escondia um mistério,
 era guardada com muito critério,
 e aquilo me deixou louco de paixão,
 sem raciocínio, sem razão.
 Eu insisti no namoro, e o pai disse não.
 Mas eu a queria a qualquer preço,
 bolei um plano, seria ladrão!

E foi numa noite clara como esta,
 quando a família saiu para uma seresta,
 foram todos menos Leonor,
 que não reclamou, não guardava rancor.
 Era o momento tão esperado, eu de
 tocaia.
 Bati à porta e fui entrando

chamei Leonor, e nem sinal do meu amor!

Foi quando achei um alçapão
que me levou até o porão,
e lá estava ela, amarrada naquele calor!

Logo que a vi fui até ela correndo
e ela gritou, que eu não sabia o que
estava fazendo!

Fiquei indignado com a cena
ela disse vai embora dessa novena,
falei que não podia, que sem ela morreria.

Ela disse não fique, vais se arrepender
Tenho uma doença, logo tu vais saber!
E gritei vamos embora, vim te buscar,
É melhor você ir, pois posso até te
matar!

Ela insistiu para não me prejudicar.

Foi tudo tão rápido
ela começou a se contorcer
gritava, parecia que ia morrer!
E suas roupas começaram a rasgar
fiquei branco a desmaiar!
Com visão turva vi Leonor se erguer
Dentes grandes pela boca a me morder.
Foi quando escutei um barulho
era o pai que vinha a me socorrer

Leonor então fugiu pela mata a correr!

...

— O senhor não vai terminar a melodia?

— perguntamos a João Estranho, que
estava nervoso e foi guardando em sua
bolsa de couro a tiracolo a viola.

— Não — disse ele. — Está ficando
tarde, está escurecendo e é muito
perigoso, é melhor vocês voltarem ao
hotel, adeus!

— Mas como termina a história? —
perguntei-lhe louco de raiva.

— Fui salvo, não está vendo? — disse
João Estranho que além de não ter uma
vista ainda mancava da perna esquerda.
Eu e mamãe ficamos avaliando a história
enquanto o homem, mesmo com
dificuldade, andava depressa, até
desaparecer por completo na escuridão.
Mesmo sem entender a atitude do
homem seguimos seu conselho e
retornamos ao hotel.

Não era tarde quando olhei da sacada do
quarto o satélite da Terra no céu. Era
noite de lua cheia e ela reinava soberana
no mais profundo mistério do cosmos!



Cantoria popular

O conto deste mês mescla literatura fantástica com a cantoria ou poesia popular (repentista), que tem suas raízes na França. Segundo pesquisas, a poesia popular começou a florescer no Brasil no do século XVII, através da fusão da poesia local portuguesa com a trova dos poetas franceses, alojando-se de forma mais acentuada no Nordeste, principalmente nos estados da Paraíba, Pernambuco e Ceará. Foi aí que coube ao Brasil o privilégio do aparecimento do legítimo cantador de viola.

Já no sul do País, nos anos 1960 - 1980, essa variação folclórica foi muito popular na região, onde era chamada de Trova.

Ao graduar-me em Letras, me apaixonei por todas as formas de Literatura e procuro mesclar os tipos para diversificar histórias, ressaltando a beleza das letras.

Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

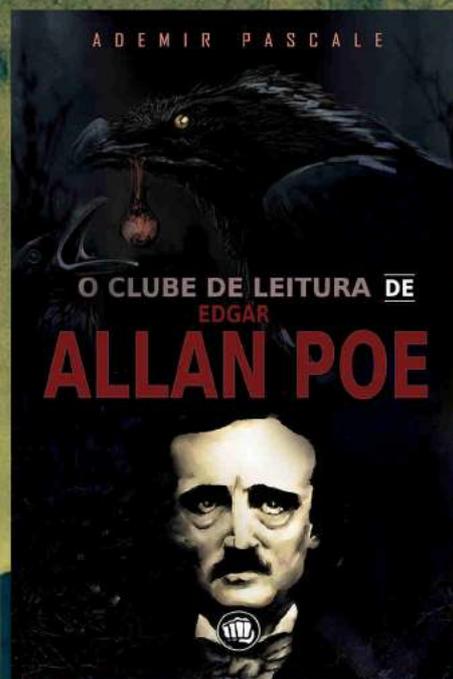
Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: miriansssantos@gmail.com.

O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe

Ademir Pascale

Em meio a perseguições, em que a maneira de o autor descrever o clima psicológico que se abate sobre os personagens deixará o leitor sem fôlego.

- Sérgio Simka, doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP



www.selojovem.com.br
www.edgarallanpoe.com.br



O POÇO MALDITO

por Gerson Avillez

Conto

(Cronomancer – 2017)

"O misticismo surge da intolerável disparidade entre imensidão de seus desejos e a estreteza de sua realidade."

Miguel de Unamuno

João Silveria finta o céu estrelado, cujo fulgor do luar cortava brilhando em seus olhos num descontento final. Finta o vazio de seu derradeiro destino compelido por um desejo banal. João então, lembrou toda sua história até ali,

naquele poço, ao ser traído e atraído por seus próprios desejos.

Sua vida e a história ligava-se àquele lugar; estavam entrelaçadas com a incógnita história daquele poço, erguido em imemorráveis tempos.

Para alguns, obra do demônio, a qual remetia a tempos antecedentes a de Portugal. Assim rezava a lenda.

Poderia ser como uma lenda qualquer de poço dos desejos, mas aquele era de testemunho combalido, não somente por sua origem jamais descortinada, mas por realizar todos os desejos de seus pedintes.

Quando soube do posso, João abraçou o mesmo e por meses depositava-lhe os poucos réis que lhe sobravam.

Aqui está sua história...

João era um negro alto e de físico vigoroso, pelo trabalho duro como ajudante de ferreiro, pertencente a uma geração de negros livres, pois antes fora agraciado pela lei do ventre livre.

Tinha olhos negros e profundos, mas um sorriso luminoso, principalmente ante seu alvo de afeto, Justine, uma jovem e formosa moça filha de Joaquim, o ferreiro dono do lugar.

O fato é que João, perdido em seu platonismo pela jovem, temia nunca poder conquistar seu afeto e amor, sem as virtudes financeiras dos abastados brancos e por isso apelou ao poço por meses a fio. Poço, pai indireto de muitos segundo seu pai, que lhe contava as histórias desde a tenra idade.

De certo, muitos testemunhavam a favor de um misticismo envolvendo o poço de maneira que o senhor de seu pai apenas logrou sucesso com o mesmo. Vindo pra terras de Pindorama, falido e condenado pela coroa, pagou por seus pecados em terras tupiniquins até que

visando tirar do papel um projeto de moinho e fábrica de farinha, clamou ao poço dando-lhe oferendas de dobrões por escravos que o executassem. Assim veio a ele dado por um amigo, escravos como Zulu Silveira (pai de João), escravos que compelidos ao trabalho, edificaram o projeto de seu senhor, Emmanuel Nogueira.

Porém, extenuado das longas jornadas de servidão, Zulu Silveira clamava em seu âmago íntimo pelo descanso da liberdade e em segredo pediu ao poço, com poucos dobrões custosos, por uma família livre.

Assim fora que engravidou sua mulher de João Silveria quando ainda no percurso da gravidez se anunciou a lei do ventre livre e com notável esperança, Zulu viu se formar no ventre da jovem negra, o futuro de uma família livre através de João Silveira.

João cresceu ouvindo as histórias do famigerado poço que estava em meio a uma densa floresta no meio do nada, e quando cresceu, seu pai pediu para que ele vivesse o que ele nunca viveu. Fosse ao sabor do vento que lhe desvelaria os caminhos da liberdade e lhe dissesse aonde eles deram, pois João teria como senhor apenas Deus.

Porém, com temor, João viu sua liberdade cerceada pelas limitações financeiras impostas pela sociedade, assim fugiu ao amor por Justine a quem finta seus cachos dourados em segredo. Amar era o significado mais cheio de ternura de sua liberdade, ainda

que um amor platônico em meio a sua malfadada desventura financeira.

A jovem e bela Justine também teria sido fruto do ocaso do poço ao luar. Seu patrão, o ferreiro Joaquim, contava-lhe que ao deflorar sua amada mulher descobriu que ela era estéril. Assim Joaquim clamou ao Deus do alto e o poço do baixo, o qual a fundura não se podia desvelar, depositou toda semana um dobrão naquele poço, até que com os meses, a resposta lhe sobreveio pela esperada gravidez de sua mulher.

Joaquim que conhecia terras inglesas, assim batizou Justine por considerar justiça e gracejo do insondável poço, o qual somente se poderia vislumbrar pelo ribombar dos sons dos dobrões caindo em seu fundo.

Muitas eram as histórias de desejos atendidos pelo poço, por coincidência e sorte ou destino dos deuses e orixás. Mas João ainda que um crente no Deus dos cristãos passou lá depositar moedas junto com sua fé, na esperança de que seu desejo se concretizasse.

Durante o primeiro mês João passou a depositar todos os sábados, suas finanças e esperanças, mas como num infortúnio não teve respostas a não ser um agourento silêncio do poço.

Assim passou-se dois meses e mesmo quando as trevas da noite se adensavam, João passou a depositar e depositar...

Passou-se então quatro meses, cinco e seis, até que numa noite sob a lua cheia, João parecia exasperado com aquele lugar. Depositou suas moedas até

a última o fundo tocar, e murmurou, depois praguejou contra o infortúnio do poço que trouxe por gerações adentro as fortunas.

Tomado então por uma perplexidade mesclada à fúria, inclinou-se sob a abertura, na esperança de que o fulgor do luar lhe descortinasse algo. Ouviu água, mas apenas de forma pardacenta conseguiu contemplar até que o muro que lhe escorava cedeu até o fundo a seu derradeiro fim.

Seu corpo estava estropiado e contorcido por fissuras e fraturas expostas, quando despertou ao fintar o céu estrelado e o luar, pela abertura do poço de onde caiu.

Sentiu então desvanecer-se suas forças, junto ao sangue que escorria de seu corpo, junto às fontes cristalinas.

João estava em seu fundo e como último esforço, virou-se para o lado e contemplou infindáveis dobrões, moedas de todas gerações acumuladas como num grande cofre natural. Seu sangue que manchava as imaculadas águas escorria entre as peças de ouro e prata.

Naquele momento, ele finalmente compreendeu, que o poço que lhe atraiu, não lhe traiu, mas apenas cumpriu o que ele sempre clamou em sigilo insondável, morrer rico.

Lá estava ele agora, cercado de toda riqueza que sonhou e clamou, o depósito de inúmeros pedidos e desejos cujas histórias nunca conheceu, mas que de um modo a outro o levou inexoravelmente até aquele momento.



Gerson Avillez é Teólogo e pedagogo por formação, portador da Síndrome de Asperger, escreveu artigos para a Revista Somnium, teve contos selecionados e publicados na Revista Litera, site Maldohorror, Arte do Terror, Mirage, Primeiro Capítulo, Creepypasta Brasil e autor da semana com artigos de destaque na Obvious Mag. Finalista de diversos concursos literários, teve os contos 'O Poço' (2017) e 'Inominável do Além' (2018) selecionado como um dos melhores em seus respectivos anos pela revista Litera Livre, tem 23 livros escritos e dois publicados. Visite: www.gersonavillez.jimdo.com.



TUDO GOSTOSO

Receitas Para Todos os Gostos

[[clique aqui](#)]



TIO VAMPIRO

por Roberto Schima
Parte I

Conto

PRÓLOGO

A GRANDE TRAVESSIA

Fazer a grande travessia,
cruzar o rio ou a ponte
sem olhar para trás.
Tagarelando ou calado,
sereno ou chocado.
Seguir, seguir em frente...
... sem olhar para trás.
Porque nada deixaremos
para lembrar.
Tudo o que merecerá
ser recordado,
dentro de nós iremos carregar...
... Assim espero!
Se uma força maior

assim o permitir,
e saberemos então,
mistério entre os mistérios,
o que haverá além
da margem do Existir.

("Tio Vampiro")

— "A Grande Travessia"...
Dobrei a carta
contendo o poema e
segurei-a firmemente entre os dedos,
tomado por sentimentos antagônicos.
Talvez, no inconsciente, eu desejasse
reter aquela mão enorme entre as
minhas, como se, de alguma maneira,
pudesse trazê-lo de volta do poço da
memória. Inútil, eu bem sabia. E infantil
também, claro. Tão infantil quanto a
criança que eu fora e tremera dos pés a
cabeça naquele sobrado, diante de sua
imponente figura.

Excetuando-se situações extremas
— uma calamidade ou uma paixão
ardente —, qual o significado de sete dias
para uma pessoa mais ou menos comum,
cuja vida compunha-se de milhares de
dias e ainda contando outros muito
milhares pela frente? A maioria poderia
dizer: nenhum. Algo a ser esquecido
gradualmente pelas vertentes da
memória.

Porém, não para mim, para a
criança que eu fui e que ainda existia em
algum cantinho obscuro, a observar um
mundo repleto de detalhes e de histórias
ocultas.

Confesso, fazia algum tempo que
eu não divagava a respeito — muito
tempo na verdade —, tomado pelas
atribuições cotidianas e uma rotina de
emoções fabricadas. Algo precisava
acontecer para trazer de volta aquele

garotinho assustado, subitamente preso
no interior de uma concha escura,
cheirando a mofo e papel velho. E fazer
retornar o vulto alto e magro, consumido
pelas sombras.

— Ele morreu! — disseram.

— Morreu de verdade? —

perguntaram outros num meio sorriso.

— Sim, morreu.

— Perfuraram seu coração com
uma estaca?

— Enfiaram alho em sua boca?

— Cortaram-lhe a cabeça?

— Guardaram as presas de
lembrança?

A frieza das pessoas, a falta de
sensibilidade, o riso fútil e fácil não me
surpreendiam mais.

E isso era o mais sinistro: suas
atitudes e a minha indiferença.

Os pequenos monstros interiores,
diria ele.

Os verdadeiros.

Eu poderia falar que foi um
velório como qualquer outro, todavia,
além de banal, soaria injusto. E injusto é
o que eu menos gostaria de ser nesse
momento.

Ele não era alguém comum. Podia
ser qualquer coisa: chato, egoísta, bizarro,
cruel, psicopata, maluco. Mas, comum,
isso ele não era.

Minha primeira impressão fora a
de que ele encolhera. A recordação que
eu guardava era a de uma figura

intimidadora, enorme, apesar da magreza. Logicamente, eu era criança na época e, para qualquer fedelho, tudo sempre era imenso, desconhecido e amedrontador, as pessoas inclusive.

Havia tão pouca gente por lá! Nossa família era numerosa, porém, além de mim, minha mãe, minha esposa e meu filho, mal pude contar uma quinzena... Quinze! E a maior parte era feita de estranhos. Pessoas mais próximas do velho, decerto, em seus últimos anos. Fiquei até surpreso ao saber disso, que ele tivesse algum amigo, alguém que se importasse de verdade; surpreso e, de um modo estranho, aliviado e feliz.

A mágoa era coisa do passado e, em seu crivo, soubera peneirar os eventos.

Primo Jonas estava lá — e isso sim foi espantoso —, ainda corpulento, cheio de sardas e postura atrevida; mostrou-me o dedo médio assim que me viu. Ah, sempre um *gentleman*! Também vi tia Zuleika e suas inseparáveis agulhas de tricô. As mãos trabalhavam febris, mais atentas em concluir um cachecol do que em secar lágrimas inexistentes. A presença desta e de minha mãe era de se esperar. Afinal, eram sobrinhas do falecido, e, após a morte de tia Nice, mãe de Jonas, as parentes mais próximas ainda vivas.

Ao observá-lo em seu caixão, veio-me o pensamento de que o seu apelido nunca me pareceu tão apropriado. Se, de súbito, tio Chico se erguesse, eu não ficaria surpreso. Lá, deitado, trajando seu terno marrom, pálido feito um cadáver que era, a pele manchada não mais entremeada de veias azuis, a boca murcha e quase sem lábios a mostra, a testa alta e enrugada, os ralos cabelos brancos. Sim, assemelhava-se a um boneco de cera do

Museu Madame Tussauds... do setor mais sinistro, bem entendido.

Fiquei intrigado.

Senti faltar algo.

Ah, sim, os óculos de fundo-de-garrafa! Onde estaria?

Não me pareceu correto ele ser enterrado desse jeito, incompleto. Bobagem, claro. Mas foi o sentimento que eu tive — que o garotinho dentro de mim teve. Por outro lado, alguém espalhara vários objetos ao redor do corpo. Eles eram motivo de cochichos, piadinhas até: conchas marinhas, soldadinhos de plástico, calendários de bolso, um pequeno crânio de resina, chaveiros, uma pena, folhas secas, olhos-de-boi.

Vi minha mãe apontar para um caranguejo incrustado numa esfera de acrílico.

— Eu me lembro disso! — sussurrou, admirada.

Sorri melancolicamente diante dos olhos-de-boi. Levei minha mão ao bolso. Sim, estava lá.

Também cuidaram de colocar um livro nas mãos do morto. Era pequeno, uma edição de bolso, quase oculto entre os dedos compridos.

Aproximei-me.

Poderia ser uma brincadeira de mal gosto, todavia, quem o fizera tivera o cuidado de colocar cuidadosamente, milimetricamente centralizado.

Mexi nele para vê-lo melhor e reparei em uma mulher bastante idosa, tez parda e uma rede cobrindo os cabelos grisalhos. Movimentou-se em meio à pequena multidão. Ficou rígida, fuzilando-me com o olhar. Fiz de conta que não percebi. A capa era preta, o rosto diabólico e fantasmagórico destacava-se em seu centro — reconheci-

o imediatamente — e, mais abaixo, em grandes letras vermelhas, o título: *Drácula*. Alguém riu timidamente. Devolvi o olhar àquela senhora e movi a cabeça em aprovação. Era apropriado. Recoloquei o pequeno volume no lugar e, só, então, a mulher sossegou.

— Está na hora — falou o coveiro, apressando-se em fechar o caixão.

Ninguém protestou.

Era um homem atarracado, amorenado de sol, rosto largo e braços taurinos, mas dotado um semblante apiedado. Para mim, veio dele e da mulher idosa os maiores sinais de humanidade.

Estava um entardecer sombrio.

O céu, antes azulado, cedera lugar às nuvens e estas avolumaram-se formando um cobertor cada vez mais espesso e escuro.

Começou a garoar.

Vozes reclamaram.

Devolvi a carta para dentro do envelope. Letras hesitantes haviam escrito meu nome e endereço. Uma caligrafia melhor do que a minha, confesso. Guardei-a bolso das calças para não molhar.

O vento frio de princípio de Outono batia contra o meu rosto. Logo, a chuva fina empapava-me os cabelos e a água escorria através de minhas faces. De algum modo, foi um alívio. A friagem amainou o calor que eu sentia por dentro.

Sete dias.

Guarda-chuvas foram abertos num ramalhete negro.

Acompanhei o cortejo até a sepultura.

Não havia muitas pessoas.

Rostos bem familiares.

Rostos desconhecidos.

Rostos conhecidos.

Tio Chico não era muito popular.

Corrigindo: ele não era nada popular.

A maioria estava lá cumprindo uma mera obrigação social.

Outros, encontravam uma oportunidade para rever os parentes, pôr as conversas em dia, fofocar e comparar a própria situação a do próximo. E até — fiquei pasmo ao perceber — flertar.

Agora, porém, todos se calaram.

Cabisbaixos, lamento fingido.

O som que se ouvia era o do vento nas copas das árvores, dos pneus do veículo transportando o esquife até o seu destino final e dos passos das pessoas sobre as pedras britadas.

Ah, enquanto eu caminhava devagar, lembrei os anos da meninice quando, então, tinha mais ou menos o dobro da idade de meu filho. Este, mudo, olhar arregalado, segurava forte sua mãozinha contra a minha. Não bastasse a ocasião, certamente, alguém lhe contara algo sobre o morto, assim como meus primos fizeram comigo, Jonas principalmente. A imaginação — e crueldade — das crianças não conhecia limite. Dizia-se que elas eram inocentes, anjinhos, contudo, esqueciam-se de que o diabo também era um anjo. E, ultrapassada a fase inicial da verdadeira inocência, havia algo de capetinha no âmagô de cada moleque.

Olhei ao redor, acima das cabeças e dos guarda-chuvas, para o céu de chumbo. Senti o ar frio invadir-me as entranhas. Observei o clima sinistro delineado entre as lápides, retratos e cruzeiros. Rostos desbotados no tempo miravam-nos através de um olhar preto e branco.

Milhares de fantasmas e
 assombrações nos observavam.
 Aguardavam-no de braços abertos.
 "A Grande Travessia."
 Ele.
 Então, repeti comigo: sim, era
 apropriado.
 Esse céu tristonho.
 Essa chuva fina e fria.
 O som seco do cascalho.
 Faltaram os relâmpagos e trovões.
 A ventania. Morcegos esvoaçando pelo
 céu. O uivar de lobos E gritos
 aterrorizados de donzelas.
 Afinal, era ele... Ele!
 Aquele que todos evitavam, mas
 cochichavam pelos cantos. Aquele que
 não fazia questão de socializar-se,
 encapsulado em seus segredos.
 Aquele que, em criança, fazia-me
 tremer dos pés a cabeça.
 Sim, era ele.
 O Tio Vampiro.

1 - PREPARATIVOS

Era uma manhã cinzenta, dessas
 que o pintor parecia ter se esquecido das
 cores.
 O garoto não fazia questão alguma
 em disfarçar o seu temor e contrariedade.
 — Preciso ir?
 A mãe, na relutante fronteira da
 meia-idade, terminava de fazer as malas e
 andava feito barata tonta.
 — Será só uma semana — repetiu
 pela milionésima vez. Soava menos
 dramático dizer "uma semana" em vez de
 "sete dias". — Uma só.
 — Uma semana... — repetiu o
 menino num eco inconformado.
 Uma semana ou uma eternidade,
 qual a diferença?

Insistiu:
 — O que foi que eu fiz?
 — Não fez nada.
 — Então, por que eu tenho que ir?
 Diante do guarda-roupa, a mãe
 ficou em dúvida: vestido branco ou
 vermelho?
 — Por que tenho que ir? —
 repetiu o garoto.
 Decidiu-se:
 — Sim, vermelho... Hein? Ora,
 Christopher! Porque sim e pronto!
 "Porque sim e pronto!" nunca fora
 satisfatório. Principalmente agora.
 No andar de baixo, o pai gritou:
 — Já terminaram? Estamos em
 cima da hora!
 — Mais um minuto! — disse a
 mãe. E voltando-se para o filho: — Olha,
 eu e papai não estivemos bem nos
 últimos meses, você sabe.
 Sim, o menino sabia. Não havia
 como deixar de ouvir as discussões, as
 portas batendo e pratos quebrados. A
 mãe dormia no quarto; o pai, na sala —
 das vezes que dormia em casa. E
 Christopher observava as fisionomias
 emburradas, as lágrimas disfarçadas, a
 cadeira vazia na cozinha. Ele sabia: o seu
 mundo, aparentemente seguro e firme,
 tornara-se pantanoso, um alicerce de
 mentiras.
 E agora, para completar, isso.
 — Mas...
 — Escute! Eu e o papai faremos
 nossa segunda lua-de-mel para recolocar
 as coisas nos eixos. Será bom para todos
 nós. Só uma semana! Zuleika trabalha.
 Os outros tios estão longe. A vovó está
 doente...
 Em desespero de causa:
 — Não posso ficar com o Jonas?
 — Já falei: sua tia Nice também
 trabalha fora.

— Mas o Jonas fica em casa.

— Não, de jeito nenhum! Ele é mais velho do que você e vive aprontando. Não se lembra?

Como esquecer? Trancá-lo no banheiro por meia hora. Desafiá-lo a fumar o toco de um charuto fedorento. Pôr minhocas dentro de sua camisa. Amarrá-lo no pára-choque do carro. Porém, até isso seria melhor do que ir para a casa do...

— ... o tio Chico concordou em ficar com você por uma semana. Só Deus sabe o quão difícil foi para mim telefonar a ele, pedir, implorar até. E, mais ainda, convencê-lo.

— Jonas falou que ele...

— Sei bem o que Jonas falou — retrucou, embaraçada.

— Ele é o Tio Vampiro!

A mulher continuava a caminhar pelo quarto, esbaforida. Terminou de ajeitar tudo nas malas, ajeitou o penteado e, enquanto descia a escada, explicou:

— Sim, meu tio Chico é excêntrico, mora sozinho numa casa isolada e tem suas manias. Mas não é um vampiro!

— Tem certeza?

A mãe não respondeu.

O pai ajudou a acomodar a bagagem no carro, trancou a casa e posicionou-se atrás do volante.

— Mãe...

— Deixe sua mãe em paz.

E Christopher observou sua casa ficar pequena, pequenina, até desaparecer.

2 - O SOBRADO

Era uma casa velha.

Velha e assobradada no alto do morro.

Trepadeiras subiam pelas paredes.

Algumas árvores ao redor careciam de poda e seus galhos retorcidos esparramavam-se descuidadamente em todas as direções. Folhas mortas espalhavam-se pelo chão.

A maior parte das janelas estava fechada por venezianas, e, para aquelas abertas, o interior era obstruído por pesadas cortinas.

Fazia pensar num local mal-assombrado.

Carecia de reforma havia inúmeras décadas. A pintura desbotada dizia ter sido ela, um dia, amarela e branca, contudo, fora tomada pela intempérie e diferentes matizes de encardido. O reboco desprendera-se aqui e ali, revelando tijolos grandes e maciços de barro cozido. Samambaias cresciam nas fissuras do telhado e, embaixo de calhas entupidas, aranhas e pássaros fizeram morada. No pavimento superior, diante de uma porta-balcão, uma sacada de grade em arabescos ainda refletia um charme antigo e decadente. Havia uma varanda na entrada da casa e, ao lado, uma estrutura em forma de cilindro, encimada por uma torre de telhado pontudo. Isso evocou na mente de Christopher um castelo.

— O castelo do Drácula! — gritou na calçada, lembrando um filme assistido por entre os vãos dos dedos na casa de Jonas. "Veja... Que peitos!", dissera o primo. Todavia, Christopher impressionara-se mais com o velho de unhas longas, fala esquisita e cabelos brancos penteados feito duas bolas sobre a cabeça.

— Ele não é vampiro — insistiu a mãe, embora a maneira dela apertar a

mão do menino desmentisse tal convicção. — Não é!

Numa época mais generosa, deveria ter sido uma construção bonita, uma remanescente pobre do tempo dos barões do café. Mas, agora, era pouco mais que uma ruína.

Todo bairro afastando tinha uma casa assim, cuja fama era das piores possíveis e mexia com a imaginação da pivetada, não tinha? Era objeto de especulações desenfreadas, de histórias escabrosas, de desafios infantis de coragem.

O velho sobrado não fugia à regra. Sua sorte era situar-se na periferia, próxima à divisa de municípios, ficando, assim, menos sujeita a visitas indesejáveis e pedradas nas janelas. Não existiam muitas residências nos arredores e a casa do tio-avô de Christopher destacava-se solitária lá no alto de onde, pelo menos, a vista de um lago no vale deveria ser bonita.

Era a primeira vez que o menino ia até lá. Já ouvira suas histórias, todas temperadas com um final assustador. Não se lembrava de quando vira o Tio Vampiro pela última vez. Tinha uma vaga recordação do velho ter comparecido a uma festa de aniversário. De quem? Não se recordava. O tio-avô ficara o tempo todo num canto entre as paredes feito uma sombra, fundindo-se a elas, alheio as conversas e risadas, observando a tudo e a todos por trás de seus óculos de aros pretos.

Alto.

Magro.

Taciturno.

E vampiro!

Era essa a imagem gravada na memória embaciada do menino.

Ah, sim, e velho.

Para Christopher, o Tio Vampiro sempre fora um homem velho, já nascera assim, vivera assim e morreria assim.

3 - TIO VAMPIRO

A aparência do Tio Vampiro continuava tão impressionante quanto Christopher se lembrava.

Era alto, muito comprido e magro feito um graveto extraído de uma árvore morta. A tez pálida só servia para reforçar tal impressão. Sob a testa enrugada e por trás dos óculos antiquados, um par de olhos escuros fitava o sobrinho-neto num desagrado contido. Mas não possuía orelhas pontudas.

A mãe do garoto desembrulhou-se em desculpas e agradecimentos.

— Pe-perdoe o incômodo, tio Francisco. Muito obrigada. Volto em uma semana.

O velho limitou-se a acenar a cabeça quase imperceptivelmente, sob a penumbra da varanda.

Christopher — o "incômodo" — olhou-a, inquieto. Nunca vira a mãe gaguejar, nem quando tivera a discussão mais acalorada com o pai na semana anterior. Gritara, esperneara e atirara coisas, porém, não gaguejara. Sentiu um presságio pouco animador formigando abaixo da nuca. Tampouco ela se referira em casa ao Tio Vampiro como "tio Francisco", era sempre "tio Chico". Por falar no pai, este aguardara no carro; sequer ajudara a levar as coisas do filho. Tampouco pareceu um bom sinal. Só desejou que, após toda essa interminável provação, não só sobrevivesse a ela, mas que seus pais voltassem a se entender e a

sorrir um para o outro, conforme vira em fotos.

— Vamos entrando — disse o velho, e sua voz era tão sinistra quanto sua aparência. — Logo irá chover.

Seus dentes aparentavam ser normais, apesar de que, ao falar, abrisse pouco os lábios, mera fenda no rosto descarnado.

Ele pareceu evitar sair da proteção da sombra e o garoto não pôde deixar de pensar: "Tem medo do Sol!", embora estivesse nublado. Engoliu em seco.

A mãe deu dois beijos nas bochechas do filho, agradeceu o tio uma última vez e desceu o curto caminho de pedras em direção ao portão. Olhou para trás uma única vez. Incerteza e resignação estampavam-se em seu rosto. No meio do caminho, sua atenção foi atraída para um montículo do lado esquerdo. Os pés falharam e ela quase caiu.

O olhar comprido de Christopher acompanhou o rastro de poeira até o veículo desaparecer do outro lado da colina em um túnel de árvores.

— Vamos — insistiu o tio-avô, apanhando as malas. — Está frio.

"Bem-vindo a minha casa", não fora isso o que dissera a aranha para a mosca?

E a porta grande de madeira fechou-se às gostas do garoto num rangido demorado.

Todo o universo até então conhecido por Christopher foi separado dele no lado de fora.

Seus olhos miúdos levaram algum tempo até habituar-se a pouca luz do interior da casa.

O silêncio era a sua argamassa.

Uma outra atmosfera.

Uma outra época.

Um outro lugar.

E era grande.

Grossas cortinas pendiam das janelas altas e, através de suas frestas, a luminosidade lutava uma batalha perdida contra a penumbra.

O piso de tacos de madeira possuía uma tonalidade escura. Parte dele era coberto por um tapete grande e espesso, bastante usado. Nas estantes, livros e mais livros, centenas, milhares deles, a maior parte numa encadernação antiga, da qual não se fazia mais. Outras estantes acomodavam uma variada coleção de objetos: fitas de vídeo, estatuetas, miniaturas de animais, seixos, conchas marinhas, uma enorme ampulheta, lupas, pedaços de galho seco, penas de pavão e até uns brinquedos antigos feitos de lata. Potes de vidro guardavam folhas secas, sementes ou amostras de terra; outros, de plástico, tinham retalhos de barbante, arames para fechar sacos plásticos e tampas de garrafas descartáveis.

Qual tinha sido a palavra utilizada por sua mãe? "Excêntrico"?

No meio da sala, sob um lustre ordinário e sobre o tapete, destacavam-se a mesinha de centro e um jogo de sofá encardido. O estofado de pano nos braços de uma poltrona rasgara-se de tão gasto. Devia ter, no mínimo, o triplo da idade do menino.

Não havia televisão... Então, por que as fitas?

4 - A GOELA DO MONSTRO

Deu de ombros. Inspirou fundo e, imediatamente, torceu o nariz, arrependido.

Se o tempo tivesse um odor, seria aquele: acre, denso, antigo.

— Não mexa em nada — advertiu o velho.

Ah, disso ele podia ter certeza. O menino não só não desejava mexer em coisa alguma como mal conseguia mover-se. De repente, sua atenção foi atraída para um espaço entre duas das estantes.

Lá, havia um relógio cuco. Seu formato era o de um castelo medieval todo pintado de cinza e preto. Os pesos — Christopher arregalou os olhos ao perceber — em vez do formato tradicional de pinhas, eram um par de esqueletos de bronze, as correntes fazendo-se passar por cordas de uma força.

Tornou a engolir em seco.

Tio Vampiro percebeu.

— Não funciona mais — explicou. — Cansei de lubrificar suas engrenagens.

— Ca-castelo do Drácula... — sussurrou a criança para si, gaguejando feito a mãe.

Pensara em voz alta, todavia, o velho, apesar da idade, possuía bons ouvidos. E, não obstante ser do tipo calado, respondeu:

— Sim, veio da Romênia, mas o artesão pretendeu homenagear a Edgar Allan Poe e não ao seu herói histórico.

Foi um verdadeiro discurso.

O menino franziu a testa.

O homem idoso, percebendo, explicou:

— Sim, herói. Drácula existiu, mas não do jeito que imagina.

Christopher arregalou os olhos.

Existiu? Isso era novidade.

E o velho anuiu.

— Chamava-se Vlad Tepes.

Adorava enfiar seus inimigos no espeto.

Não parecia possível os olhos miúdos arregalarem-se mais, mas fizeram-no.

Pondo-se a observar os modos retraídos da criança. Intimamente, o idoso imaginou que, se desse um grito, o garoto desabaria ali, naquele exato momento, tal qual fizera o outro... Melhor não fazê-lo, ainda não, ou teria de limpar a sujeira. Retornou sua atenção ao antigo relógio:

— Quando dava as horas, uma cabeça de corvo surgia e os foles imitavam o grasnar da ave. Era divertido.

"Divertido? Drácula existiu? Espeto?"

As conversas assustadoras de Jonas e outros primos e primas adquiriam cada vez mais contornos de realidade. E todas aquelas sombras e escuridão...

Christopher desejou correr dali em direção à porta. Mas, para aonde iria?

Tio Vampiro tornou a falar:

— Seu quarto fica lá em cima — disse a voz cavernosa. — Vou mostrar.

Dirigiu-se até a estrutura em forma de cilindro que o garoto vira do lado de fora. Servia para acomodar uma escada em caracol de ferro fundido.

Esforçou-se para readquirir os movimentos e acompanhou o tio-avô.

"Ao menos esse é obediente", pensou o idoso. "E quieto."

Tio Vampiro detestava pessoas que falavam demais.

Breve, iria engoliar seus pensamentos.

Ao olhar de baixo para cima, para o topo da escada, Christopher sentiu

como se estivesse sendo engolido pela goela de um monstro. O mais perturbador era que fazia-o por conta própria, apesar da vontade não ser tão própria assim...

5 - SARUMAN

Mesmo para aqueles habituados à solidão e a quietude de seu refúgio, ao ver-se em uma situação diversa, a dois, a mortalha do silêncio poderia perturbar. Seria como estar diante de um incômodo reflexo. Um reflexo tímido, fraco e assustado. Não raro, isso poderia ser uma surpresa ao próprio anfitrião e abrir portas havia tempo trancafiadas durante o tortuoso trajeto nos caminhos da vida.

Dessa maneira, durante o jantar, o velho — do lado oposto à mesa — quebrou o prolongado silêncio:

— Então, seu nome é Christopher...

Relutante, o garoto fez que sim com a cabeça. Evitou intencionalmente encará-lo, fingindo concentrar toda a sua atenção ao macarrão no prato. Ainda se sentia nauseado pela lembrança do cheiro de mofo e naftalina do quarto que fora-lhe reservado.

O idoso não deu importância. Sorveu um gole de vinho tinto e continuou para si próprio:

— Como Christopher Lee. Já ouviu falar nele?

Ora, quem não o conhecia?

Fez novamente um sinal de "sim", ainda atento ao prato. O miolo de pão deslizava sobre ele feito uma patinadora numa pista de gelo — uma pista coberta de sangue, pensou, atento ao molho de tomate —, e falou baixinho:

— É o Saruman.

— Quem?

Finalmente, Christopher ergueu os olhos da comida.

O idoso fitava-o, inquisitivo.

Como alguém no mundo inteiro poderia não saber de Saruman?

— Saruman, o Mago! *O Senhor dos Anéis*¹. Não conhece?

Tio Vampiro refletiu. Retirou os óculos para limpá-los num pedaço de feltro que apanhara um segundo antes num dos bolsos do paletó. Os olhos afundavam-se nas órbitas, dois poços de brilho opaco. De súbito, o semblante iluminou-se sob o candeeiro da memória.

— Ah, os livros de Tolkien! Li faz muitos anos. Eu era um garoto.

"Livros?"

— Os filmes²... — corrigiu o menino, hesitante.

— Filmes? Fizeram filmes da história?

Se dissessem a Christopher que acreditavam ser a Terra plana, o seu espanto não teria sido maior. Não saber dos filmes da trilogia era tão espantoso quanto o fato do Tio Vampiro ter sido garoto um dia. Como era possível? Como ambas as coisas eram possíveis?

O velho recolocou os óculos no lugar, alheio a ligeira turbulência que provocara, mais concentrado nas recordações evocadas pelo nome do menino.

— Christopher Lee, ao lado de Bela Lugosi, foi o Drácula mais memorável que já existiu. — Ergueu a taça, num brinde ao invisível. — Perdoe-me, Max Schreck!

¹ *The Lord of the Rings*, John Ronald Reuel Tolkien.

² *The Lord of the Rings: The Fellowship of the Ring* (2001); *The Lord of the Rings: The Two Towers* (2002); *The Lord of the Rings: The Return of the King* (2003). Direção: Peter Jackson.

O menino fitou-o sem compreender.

Aquela taça e o líquido escuro dentro dela... Seria vinho de fato?

O velho prosseguiu:

— Você sabe que Christopher Lee é ator, não sabe? Um homem que finge ser uma personagem... Como os atores de teatro ou de novela.

O quê poderia responder?

Para Christopher, não havia essa distinção clara entre ator e personagem. Quando assistia a um filme do qual realmente gostava, tudo aquilo que via na televisão estava acontecendo de verdade, em algum lugar, tanto na tela quanto em sua imaginação. Saruman existia. Os elfos eram reais. Gollum aprontava das suas. E os anéis possuíam poder e maldição. E esse Bela... Isso não era nome de mulher?

Reparou, então, no tio-avô a encará-lo e tornou a voltar sua atenção para o prato; agora, praticamente vazio.

Tio Vampiro murmurou:

— Percebo... Esqueça o que eu disse. Só queria mencionar que o seu nome fez-me pensar em Drácula.

— Meu nome é por causa do Christopher Reeve.

— Ah, o Super-Homem!

Feito um boneco, o menino voltou a olhar o parente, surpreso.

— Sim, disso eu me recordo — respondeu Tio Vampiro à pergunta muda. — Ademais, todos estão comentando. Pobre ator. Um bom homem e muito bem apessoado, mas preso à teia do destino por uma fatalidade. Você assistiu *Em Algum Lugar do Passado*³?

Christopher fez que não.

Tio Vampiro indagou:

— Como conheceu Christopher Reeve? Os filmes dele não são de seu tempo...

— Mamãe é fã. Tem todos os filmes do Super-Homem.

— Ah, então, certamente ela tem *Em Algum Lugar do Passado*. Assista quando tiver mais idade.

O menino permaneceu indiferente.

E o velho indagou:

— Gosta do Super-Homem?

Christopher fez que sim.

Tio Vampiro anuiu.

— Interessante saber... Eu também.

O silêncio tornou a cair, enquanto o velho recolhia a louça e os talheres.

De certa maneira, Christopher ficara surpreso. E não era sobre o Christopher Reeve. Ah, sim, ainda estava amedrontado, um misto de medo, vergonha e solidão. Todavia, seu Tio Vampiro não era tão tenebroso quanto Jonas pintara, ou os adultos, incluindo sua própria mãe. Nunca imaginara que o tio-avô ou os vampiros de um modo geral pudessem se tornar tão falantes... ou que gostassem de macarrão.

Ele aparentava ser inofensivo.

Talvez pudesse aguentar os sete dias, afinal.

E seria a vez dele contar as histórias de terror para Jonas.

Mal percebeu o retorno do velho. Somente quando este, por trás, depositou o par de mãos magras e dedos muito longos em seus ombros, perto do pescoço, deu-se conta. Sobressaltou-se.

Um arrepio gelado percorreu seu corpo de criança.

Ficou claro ao menino: precipitara-se.

Não pôde olhar para o rosto descarnado a fim de adivinhar-lhe os

³ *Somewhere in Time*, Direção: Jeannot Szwarc, 1980.

pensamentos. Tampouco teve certeza se gostaria de fazê-lo.

— Voltemos para a sala — disse a voz cavernosa e impassível. — Fale-me mais sobre você e sua família.

E ele obedeceu. No caminho, imaginou como seria Saruman se possuísse dentes longos e vestisse uma esvoaçante capa preta.

Foi quando o primeiro trovão fez-se ouvir.

6 - NOSSOS PRÓPRIOS FANTASMAS

Tudo o que era primeiro na vida trazia dentro de si um amálgama de sentimentos.

O temor do que era estranho.

A expectativa da novidade.

O receio da incerteza.

Decepção?

Tristeza?

Alegria?

Pavor?

A balança tendia tanto de um lado quanto do outro até que a verdade se revelasse tal qual um velho baú a exibir seus segredos.

Entretanto, para Christopher, as dúvidas dessa primeira noite no antigo sobrado não existiam. A certeza era uma só: medo. Apesar da macarronada, sentia um vazio no estômago. Não saberia colocar em palavras. Era um vazio estranho, grande e pesado. Alguém já ouvira falar de um vazio pesado? Como poderia ser explicado?

Foi uma primeira noite agitada.

A chuva torrencial tampouco ajudou.

O menino demorou a adormecer e, quando o fez, balbuciou em caricaturas

de ébrio, remexeu-se feito pernas de rã no sal. Pesadelos infiltraram-se na fechadura de seu sono e, logo, escancaram a porta.

Despertou ao som de seu próprio grito.

Ofegava.

Sentiu-se perdido em meio à pesada escuridão, pairando em um nada infinitamente maior do que o vazio em seu estômago.

Apesar da chuva a tamborilar na vidraça, um feixe de luar fatiava as trevas, permitindo distinguir os contornos de uma mesinha, da cadeira, dos pés da cama.

A angústia opressiva daquele quarto, o mobiliário pesado, as emanções de naftalina, o ruído do vento, da chuva, o barulho...

... Barulho?!

Sobressaltou-se ao perceber o vulto enorme destacar-se da moldura da porta.

E a sombra cresceu.

Então, um relâmpago inundou o quarto.

E ele viu.

— Tio Vampiro! — gritou a plenos pulmões.

O trovão fez estremecer a vidraça e as paredes do sobrado.

A criatura aproximou-se.

Christopher teve certeza de que o luar iria iluminar a pele de pergaminho, os lábios de um vermelho vivo e os caninos proeminentes, prontos a ceifá-lo de todo o fluido da vida. Então, miraria aqueles olhos perdidos no abismo das órbitas, sem uma única porção de branco, mas brilhantes, muito brilhantes, convidando-o a fazer parte da eterna escuridão.

Em vez disso, o tio-avô, carregou-o gentilmente para baixo, para a sala.

Embora idoso, havia vigor em seu corpo magro.

O garoto sentiu-se confuso, perdido entre a imaginação e a realidade, o sono e o despertar.

Tão próximo assim do velho, notou que, a exemplo da casa, ele cheirava a tempo, contudo — ao contrário das histórias de Jonas —, o corpo do Tio Vampiro não era gelado: era morno, aconchegante até. Apesar da pouca claridade, pôde distinguir no rosto magro, além das rugas e manchas, uma série de veias azuis delineadas em suas têmporas. Lembrou-lhe um mapa. E havia uma preocupação genuína em sua fisionomia.

Enquanto descia cuidadosamente a escada em caracol, o velho perguntou:

— Pesadelos?

O menino fez que sim, sem confiar na própria voz.

— Medo de assombração?

O garoto tornou a mover a cabeça.

— De... vampiros?

E novamente.

O Tio Vampiro suspirou, já no final da escada em caracol.

A sala era tomada pela fraca luminosidade de um abajur próximo à poltrona. Em um de seus braços, havia um livro grosso e aberto, página marcada por uma folha comprida e seca.

E o homem de uma outra época disse baixinho:

— Uma casa antiga como esta causa arrepios a primeira vista. Passar a noite, então, nem se fale... Mas se eu posso ousar dizer, não são as sombras, o silêncio ou os ruídos estranhos que apavoram.

O menino limitou-se a encará-lo.

— Todos nós podemos ser como esta casa: grande demais para uma pessoa

só, quieta demais, escura demais. Toda impregnada de sentimentos, anseios e emoções. Não é a casa que assusta você, Christopher. Ela é apenas tijolos, madeira e argamassa. — Fez um gesto amplo pela sala. — Talvez, haja algum camundongo faminto fazendo sua ronda a fim de saciar a fome e a de seus filhotes; por não sabermos do que se trata, supomos as coisas mais arrepiantes. Não. O que o apavora é a casa assombrada dentro de você.

Christopher olhou-o, interrogativo.

O velho assentiu.

— Sim, eu percebo, menino. Vejo que, apesar de tão jovem, carrega seus fantasmas interiores. Você é o seu próprio castelo.

E colocou-o deitado no sofá. Em seguida, trouxe-lhe o cobertor e o travesseiro.

— Tente dormir aqui. Eu continuarei na poltrona, onde costumo ler até tarde. A luz do abajur não está muito forte para você, está?

O garoto fez que não com a cabeça. Mas, tomado por um receio súbito, atreveu-se a falar:

— E depois?

— Ah, não se preocupe, continuarei aqui. Não é raro eu dormir enquanto leio. — E, olhando atentamente para o sobrinho-neto: — Eu sei como é trazer carragar próprios fantasmas.

7 - ÁGUAS ESCURAS

Havia um cheiro gostoso de torradas na manteiga quando ele abriu os olhos.

Tio Vampiro surgiu da cozinha.

— Ah, acordou. Terminei de fazer o chá. Ou prefere café com leite?

— Chá está bom — respondeu envergonhado.

— Eu também prefiro. Vá lavar o rosto enquanto eu preparo tudo na varanda. A vista dali é bonita.

De fato, Christopher teve que concordar: era uma bela visão. Embora a colina à direita e seu túnel de árvores trouxesse uma certa melancolia à lembrança dos pais, do outro lado, mais abaixo, havia o lago. Era rodeado por diversas árvores e, naquele momento, um bando de pássaros sobrevoava-o.

Estava uma manhã fria e nublada. A chuvarada havia passado e, no ar, restara aquele aroma de terra molhada o qual, desde sempre, fizera-o sentir-se bem. Era trazida pelo vento e, enquanto mordiscava sua primeira torrada — a manteiga derretida esparramou-se toda pela boca —, pensou no quanto seria bom se um momento como aquele pudesse durar para sempre.

— Então, eu sou o "Tio Vampiro"...

O menino engasgou. Tossiu, esparramando farelos.

O "para sempre", às vezes, podia durar tão pouco...

— Desculpa, tio Chi... tio Francisco.

— Tome o seu chá. Vai ajudar a descer.

Assim ele o fez.

O tio-avô, impassível, perscrutou o garoto, aumentando o embaraço deste. Passava o indicador logo acima dos lábios, alisando um bigode que, havia décadas, não existia.

Christopher sentira-se encolher na cadeira, ficar mais franzino do que já era, feito uma personagem de desenho

animado. Era um inseto a ser pisoteado. Talvez não fosse tão ruim assim àquela altura.

O velho acrescentou, retomando o fio da meada:

— Não importa. Vampiro, Chico ou Francisco, tanto faz. São somente rótulos. Aposto que disseram a você que há monstros habitando o porão desta casa: vampiros, lobisomens, feiticeiras, múmias...

— E mortos-vivos — acrescentou o menino, recordando-se de uma prima.

— Ah, sim, sim... Claro, não poderiam faltar: os mortos-vivos! Enterrados no chão barrento, cavando e cavando até suas mãos esqueléticas emergirem. Depois, dançariam ao redor da casa ao som de *Thriller*⁴... E quanto aos fantasmas? Arrastando correntes enferrujadas pelos corredores, resmungando da vida e da morte, feito o seu nobre e infeliz colega de Canterville⁵.

— Meu colega?

— Não, o colega dele, do fantasma. Depois explico, e sobre *Thriller* também. Aposto que não sabe quem foi Vincent Price, não é?

A criança deu de ombros.

Tio Vampiro suspirou.

O abismo de tempo entre as gerações era bastante largo e profundo.

— E quem te contou as histórias do porão?

Christopher ficou mudo.

— Não me diga — continuou Tio Vampiro. — Aposto minha coleção de fósseis que foi aquele pestinha insuportável.

⁴ *Thriller*, Michael Jackson, 1982.

⁵ *O Fantasma de Canterville (The Canterville Ghost)*, Oscar Wilde, 1887.

O garoto arregalou os olhos. Imaginou se o nome do primo estaria estampado em sua testa.

O idoso pestanejou.

— Sim, já sabia... Jonas! Aquele que a baleia não engoliu, temendo engasgar. Ele já passou um fim de semana aqui. Fez parecer um século!

— Já? — Dessa história, Christopher não sabia.

— Sim, ficou chorando feito um bezerro desmamado. Antes, durante e depois.. como se eu fosse a criatura de *Frankenstein*⁶! Até urinou na bermuda, bem no meio da sala.

Estava explicado o porquê.

— E quanto a você, não está surpreso?

Sobre quais das surpresas passadas ou por vir o tio-avô estaria se referindo?

Após um tempo longo demais, o velho suspirou novamente e, antes de sorver outro gole de chá, falou num tom calmo, baixo, olhar perdido no horizonte além do lago:

— Para um vampiro, o que eu estou fazendo aqui à luz da manhã?

Houve uma ligeira confusão no semblante de Christopher. Olhou o céu encoberto.

— Não tem sol... — disse baixinho.

Foi a vez do Tio Vampiro arregalar os olhos, realçando as rugas em sua testa.

— Muito perspicaz. Não me dei conta disso...

Mordiscou um pedaço de bolo de milho e, por um momento, seus olhos fundos perderam-se nas águas escuras do lago lá adiante. Uma sombra cobriu seu

semblante e a voz arrastou-se, mais para si próprio do que para o menino:

— Curioso. Não costumo falar tanto assim. Muito pouco a bem da verdade. Desde que...

Não concluiu, as recordações deixando-se perder. Espaventou casualmente os farelos de bolo de seu casaco. Havia o céu cinzento, o vento frio, a superfície serena das águas. Repentinamente, deu-se conta da varanda, do chá e do sobrinho-neto.

— Sabe, observando-o aqui nesta manhã, noto detalhes que não havia percebido muito bem. Você tem os traços de sua mãe. Os olhos principalmente. Você sabia que foi ela quem me apelidou de Tio Vampiro?

Sim, isso foi uma surpresa.

— Foi?

Ela nunca dissera uma palavra a respeito. Aliás, nunca falara muito sobre o tio e, quando o fazia, evitava olhar direto nos olhos, geralmente aos sussurros, como se tivesse medo das paredes ouvirem.

Sempre acreditara que fora o primo sardento.

O tio-avô apontou um dedo longo e magricela a meio caminho entre o sobrado e o lago, um pouco à esquerda. Era um declive tomado pelo mato e alguns arbustos e, no meio.

Um montículo.

Aquilo chamara a atenção da mãe de Christopher e ela quase tropeçara.

— Existia um poço ali. Água fresca em abundância. Era cercado por um muro baixo de granito e um telhado por cima. Eu instalara roldana, corda e balde. Quando a sua avó — minha irmã — enviuvou, precisou trabalhar de governanta, às vezes até nos fins de

⁶ *Frankenstein*, Mary Shelley, 1818.

semana. Soube que ela está enferma. É verdade?

O menino confirmou.

Tio Vampiro pestanejou.

— Sofrimento é nossa herança...

Bem, sua mãe, a Zuleika e a Nice eram pequenas. Passaram um tempo jogadas de parente em parente. Ora juntas, ora separadas. Sua mãe achou que isso acontecia porque minha irmã não a queria mais. Chorava ao lembrar do pai. Ficou uns fins de semana comigo e Simone...

— Simone?

O velho ignorou, apesar dos dedos tremerem ligeiramente. Continuou:

— Hã... Eu mencionei ontem o Christopher Lee, não foi? Eu era fã dos filmes de terror dele e de Peter Cushing. Ainda sou. Sua mãe, nem tanto — nem tanto e nem nada —, porém, à noite, acabava vendo televisão também.

— Televisão?

— Por que o espanto? Já tive televisão, aliás, ainda tenho. Ora, não sou tão arcaico assim! Posso até um computador. — Falou em um tom falsamente indignado. — Deixei de assistir no momento em que a programação virou essa porcaria que é. Priorizei os livros e coloquei a TV no porão. Como falei, a noite sua mãe não tinha outra opção. E esbugalhava os olhos, assistindo filmes de lobisomens, vampiros e espíritos. Mas, de dia, quem podia segurá-la? Num domingo, ela brincava aqui nos arredores. Ao contrário de você, sua mãe não tinha freios, sempre agitada, pulando, correndo, bisbilhotando, subindo em árvores feito um macaquinho de vestido rendado e joelhos esfolados. Fazia-me pensar numa versão em miniatura da Rita Pavone.

O garoto franziu a testa.

— Rita?

— Uma cantora italiana, pequena e espetivada — explicou. — Não me interrompa. Onde eu estava? Ah, sim, a sua mãe. E ela corria e corria naquela direção com a corda toda. — Apontou. — Elétrica. Inquieta. Então, tropicou. E, apesar da mureta, caiu direto no poço.

Christopher ficou boquiaberto.

— Sim, menino, lá se foi ela. Foi um sufoco arrancá-la dali. Sorte eu estar exatamente aqui, senão, não quero nem imaginar... Ainda trago em torno do peito a marca da corda usada para descer até ela, naquela garganta escura e molhada. — Comprimiu os lábios, já finos, um contra o outro. — Não sei quanto tempo levou, mas, para a pobrezinha, certamente foi tempo demais. Gritou até ficar rouca. Só Deus pode dizer o que passara por aquela cabecinha naqueles momentos.

O garoto olhou para baixo, no declive, por longo tempo. Também foi difícil imaginar sua mãe como uma criança. Adultos sempre foram e seriam adultos, não era assim que o mundo funcionava? Tio Vampiro a salvou? Então, não fosse por ele, o menino nem teria nascido... Um vampiro faria isso? E o temor dela, agora, podia explicar algumas coisas: seu nervosismo, os gritos, o medo do escuro...

E o idoso prosseguiu naquela voz oriunda de uma caverna:

— Foi nessa época que, para ela, eu virei o Tio Vampiro. Sua mãe deve ter contado para a tagarela da Zuleika. O resto, conforme dizem por aí, virou história. Curioso... Muitos anos depois, ela deixa o próprio filho aos meus cuidados.

Examinou a sua xícara de chá e balançou o resto do líquido em seu

interior. Tornou a falar, mais para seus próprios ouvidos:

— Dependemos da água para viver, porém, também pode nos matar... Estranho: vida e morte equilibradas feito os pratos de uma balança. Opostas, mas sempre juntas.

E o olhar do velho tornou-se longínquo, perdido em algum ponto nas águas escuras do lago.

Sorveu o restante do chá, agora frio.

8 - LIVROS E CACARECOS

Tio Vampiro não podia dar atenção ao sobrinho-neto a todo instante.

A bem da verdade, nem queria. Era de natureza introspectiva — não obstante os verdadeiros discursos que fizera nas últimas horas — e ficar grudado a alguém ou, pior, sentir alguém em si, era um fardo ao qual não estava habituado e, nessa altura da vida, jamais estaria.

A solidão era o seu alimento, sua liberdade e, paradoxalmente, sua prisão — por mais que viesse a negá-lo —, e continuava a necessitar dela tanto quanto as mariposas corriam para a luz.

Em dado momento, largou o garoto a pretexto de ir cuidar do jardim. Apanhou uma tesoura enorme de aspecto ameaçador, um alicate, uma pá pequena, um rastelo de mão e um vidro de sementes. Enfiou tudo em um balde e saiu. Na soleira, lançou um olhar comprido para o garoto, depois, para o interior da sala e retornou ao menino. Não viu necessidade de repetir a advertência.

Christopher encontrou-se subitamente só.

Em parte foi inquietante.

Em parte, um alívio.

A tensão diminuiu.

O lugar não lhe pareceu mais tão estranho e assustador. Até sorriu para os esqueletos de bronze no relógio cuco.

Girou o corpinho mirrado, mãos para trás. Observou as fileiras sem fim de livros, a maior parte deles tão ou mais velha que o tio-avô. As encadernações eram bastante sóbrias, tons escuros, preto ou marrom predominavam; ocasionalmente, avermelhado. As letras eram douradas sobre couro ou estampadas sobre pano. Muito diferente das capas frágeis e excessivamente chamativas das publicações atuais. E menores também. Tão sisudas e puídas quanto o próprio idoso. Um odor análogo, penetrante. Um conteúdo igualmente enigmático.

Caminhou devagar.

Como alguém poderia gostar tanto de ler? Christopher achava isso uma chatice, um tormento forçado pela professora a fim de ganhar nota. Torceu o nariz ao cheiro. Achou que iria espirrar, mas não chegou a tanto. Fedia a mofo ou a dinheiro muito manuseado.

Aproximou-se.

Pôs-se a ler as lombadas. Era difícil, pois, ora as letras eram miúdas demais, ora encontravam-se desgastadas pelo tempo e, num caso ou noutro, segundo ele, a grafia estava errada:

— *Cidade Eterna*⁷, H. Caine; *O Primo Bazílio*⁸, Eça de Queiroz; *Momentos Decisivos da Humanidade*⁹, Stefan Zweig; *Martinho Lutero*¹⁰; *A Louca de Orleans*¹¹, B.

⁷ Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C.^a (Filhos), Lisboa, 1926.

⁸ Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Porto, 1908.

⁹ Editora Guanabara, 1936.

¹⁰ Autor: A. de Saussure, Livraria Evangelica, Lisboa, 1912.

Jacob — este chamou a atenção por ser de pano azul, uma exceção, e ser bem pequeno —; *Os Homens de Sangue*¹², V. F. de Castro; *Harmonias Fantásticas*¹³, S. Viterbo; *A Idéia de Deus*¹⁴, Bruno; *Os Incas*¹⁵, Marmontel; *A História da Raça Humana*¹⁶, Henry Thomas; *As Grandes Expedições Científicas no Século XX*¹⁷, Charles E. Key; *O Homem e as Estrélas*¹⁸, H. True Stetson ...

Meio que adivinhou o conteúdo desses livros, variavam bastante entre si. Isso podia dar uma pista do homem que os conservava. Havia enciclopédias, coleções diversas, livros mais recentes, livros de bolso — incluindo alguns de R. F. Lucchetti¹⁹ com títulos impressionantes como *Sete Ventres para o Demônio* ou *A Maldição do Sangue de Lobo* —, centenas de exemplares de *Seleções do Reader's Digest*²⁰. Um exame mais metucioso revelou que até revistas em quadrinhos o velho guardava: *O Pato Donald*, *Mônica*, *Classics Illustrated*, *O Homem-Aranha* e... *Super-Homem*, todos encadernados em tempos mais recentes, sem o primor antigo, mas a cumprir sua finalidade de proteger o conteúdo.

Podia passar horas ou dias recitando cada título sem conseguir terminar. Por fim, seus olhos pousaram sobre um volume em particular e ele parou.

— *Histórias de Fantomas*²¹...

Não havia o nome do autor.

Era velho. O florão quase desaparecera. As nervuras evocavam um encanto que o menino não soube definir. E havia o mistério, especialmente o mistério.

"Histórias de Fantomas"!

Dissera o título baixinho, receando despertar algo. Sentiu uma pontada de calafrio. Os sentidos aguçaram-se. Que segredos nefandos suas páginas conteriam? Quais histórias seriam? Que horrores profundos despertariam? Poder abri-lo seria como mover a tampa de uma tumba: algo sairia.

Seus dedos miúdos quase tocaram a lombada, porém, recordou-se do olhar do tio-avô e sua advertência muda: "Não mexa em nada". Fosse como fosse, para quê acordar algo que estava quieto?

De repente, a sala deu a impressão de haver se tornado maior e mais escura.

Olhou para o alto.

O lustre movia-se devagar.

O pequeno coração congelou por um segundo.

Aliviado, percebeu que fora somente um fiapo de vento vindo do corredor que fizera a porta da entrada fechar. Correu para abrir-la novamente, sentindo o macio do tapete aos seus pés.

Através de uma janela lateral, avistou o Tio Vampiro, e, por entre as cortinas de veludo, pôs-se a observá-lo. Cuidar do jardim, dissera ele, todavia, tudo o que Christopher via era o velho agachado, fuçando através da folhagem, xeretando aqui e ali de lupa na mão, adicionando alguns seixos, retirando outros, fazendo uma podagem relutante, cavoucando nos espaços abertos e

¹¹ No Escripório de Francisco Arthur da Silva Editor-Proprietario, Lisboa, 1860.

¹² Typographia Cinco de Março, Rio de Janeiro, 1873.

¹³ Livraria Ferreira, Lisboa & C.ª, Lisboa, 1875.

¹⁴ Livraria Chardron, Porto, 1902.

¹⁵ *Os Incas ou a Destruição do Império do Perú*, Editora Anchieta Limitada, 1943.

¹⁶ Editora Globo, 6ª edição, 1952.

¹⁷ Companhia Editora Nacional, 1940.

¹⁸ Livraria Martins Editora S.A., São Paulo.

¹⁹ Rubens Francisco Lucchetti, Coleção Trevo Negro, Cedibra, 1974.

²⁰ Editora Ypiranga S.A.

²¹ Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S.A., 1944.

enterrando sementes, admirando uma flor silvestre, conferindo os bebedouros para colibris. A exceção de um punhado de mato, ele não arrancava as ervas daninhas, pelo contrário, punha-se a admirá-las e observar seus detalhes. De um modo geral, o jardim aparentava tudo, menos ser bem tratado.

"Maluco."

Deu de ombros e retornou ao meio da sala.

Começou a examinar algumas estantes na altura de seus olhos, que não continham livros. Eram objetos tão ou mais variados do que os assuntos abordados pelas publicações. Alguns ele já reparara: os carrinhos em miniatura; as rochas de diversos tamanhos, formatos e tonalidades; conchas marinhas enormes e outras pequenas, porém de configuração intrincada — uma delas possuía uma porção de espinhos —; frascos com folhas, sementes ou punhados de terra. Outras coisas eram novidade. Havia um pote grande cheio de parafusos, porcas, arruelas, bolinhas de ferro, chaves enferrujadas, clipes, moedas. Uma coleção de garrafinhas de vidro contendo bebida de verdade. Um vidro grande cheio de umas coisas redondas, marrons, achatadas, do diâmetro de uma moeda de um real, quase totalmente rodeadas por uma faixa preta; uma etiqueta manuscrita dizia: "Olho-de-boi"²². Olhos-de-boi? Ficou enojado. Em uma caixinha de papelão, uma porção de calendários de bolso e cartões postais. Ao lado, maços e maços de cartas atados a barbante. Um pequeno microscópio. Christopher nunca mexera em um, mas vira na escola. Um carrinho de lata vermelho, bem enferrulado, que algum dia funcionara a

pilha. Uma luneta. Selos. Bonequinhos de bolinhas de gude. Um globo. Relógios de pulso sem as pulseiras... Era um tipo de museu pelo visto.

O garoto não teve a menor dúvida de que, das diversas coisas que viu, boa parte sua mãe classificaria como lixo. E daria o fim adequado ao seu ponto de vista. Mas ele achou tudo interessantíssimo — excetuando-se os tais olhos-de-boi. Um adulto, um idoso juntando tais coisas? Ora, Christopher também fizera suas coleções: palitos de fósforo, figurinhas, papéis de bala, brinquedinhos de doce, insetos. Isso ele podia compreender. Como alguém tido por sinistro, um vampiro, cultivaria um passatempo legal assim?

Por outro lado, não viu quadros ou retratos, entretanto, mais adiante, próximo ao corredor que dava para a cozinha, encontrou a imagem de uma caveira.

Pesos de esqueleto.

Demônio.

Histórias de Fantasmas.

Olhos-de-boi.

E, agora, uma caveira.

Era amarela e de ossos cruzados, sobre um fundo preto, cercado por estrelas. Feita de feltro recortado e pendurada à parede por um cordão encardido. Havia uma data escrita a mão na parte inferior: "23-8-1974". Muuuuuito tempo. O quê significaria? Lembrava uma bandeira de pirata, porém, mais incrementada. Decerto, a caveira combinava com aquele lugar, mas...

Uma sombra tomou conta da sala.

A voz cavernosa interrompeu seus devaneios.

— Está gostando?

O garoto, absorto, assustou-se.

²² *Mucuna pruriens*.

O vulto alto e magro realçava-se na moldura da entrada, tendo o vale mais ao fundo.

Christopher limitou-se a ficar de boca aberta, tomado por um finzinho de calafrio.

Tio Vampiro limpou os sapatos no capacho, colocou o balde e seus instrumentos de jardinagem atrás da porta e aproximou-se do menino.

Cheirava a mato, poeira e vento.

— Eu fiz quando era criança.

Tinha uns cinco anos a mais do que você. Foi um trabalho de escola.

— Caveira?

— A caveira foi por minha conta.

Podia ser qualquer coisa, eu acho. Eu era um garoto, digamos, incomum.

Apreciava caveiras, lobisomens, múmias, gárgulas e, sim, vampiros. Nisso os seus primos têm razão: sou estranho. Não me recordo da reação da professora à caveira. Faz muito tempo. Não deve ter sido melhor do que a de certos parentes na época. Diziam para me levar a um psicólogo. Sabe o que é um psicólogo?

O menino fez que sim.

— Mamãe vai toda semana —

explicou.

— Entendo. Eu nunca fui. Acho que as caveiras tinham menos a ver com o terror e a morte. Simbolizavam o ponto final, o término, a quietude, o nada da escuridão.

Hesitante, voltando os olhos à caveira amarela, Christopher repetiu baixinho:

— "Término"...

Disse-o para si, contudo, os ouvidos apurados do velho captaram a interrogação da criança.

— O fim da dor, Christopher.

— Fim da dor... — repetiu novamente num eco distante.

— Quanto aos monstros... Ah, esses eram meus amigos.

— "Amigos"?

O velho anuiu.

— Meus amigos na infância e na adolescência. Eu gostava deles, fosse através dos filmes, dos desenhos, da TV, das histórias em quadrinhos. Em qualquer lugar. E eu adorava desenhá-los.

— Mas... São monstros!

A fisionomia do tio-avô tornou-se rígida por trás dos óculos.

— São somente representações, símbolos. A natureza humana é capaz de monstruosidades infinitamente maiores. Em qualquer jornal temos exemplos disso, inclusive o jornal em si. As guerras são monstruosas. A maldade contra os animais é monstruosa. A indiferença. O sentimento irremediável de perda. A cobiça. A prepotência. O deboche. — Fez uma pausa, deixando de olhar o sobrinho-neto e voltando-se para a caveira. — E, em certa medida, o que ocorre em sua casa também o é.

O menino fitou-o surpreso.

O velho balançou a cabeça.

— Não é preciso ser mágico para adivinhar.

A tristeza tomou conta do semblante da criança.

Um aperto no peito.

Um nó na garganta.

"O sentimento irremediável de perda."

"Irremediável" era uma palavra difícil, contudo, não a compreensão geral da frase.

O tio-avô pôs a mão no ombro do menino, em comunhão às próprias sensações enterradas no fundo da alma.

— O maior monstro não está nas revistas, nas telas de cinema ou num jogo de computador: encontra-se dentro de

cada um de nós, do somos capazes de fazer a outro e àquilo que nos rodeia. A fronteira entre civilidade e bestialidade é uma membrana tênue. É a esse precipício gelado que devemos temer.

Pôde sentir através dos seus dedos o súbito tremor no corpo do menino.

A fim de dissipar o véu de melancolia, Tio Vampiro completou em seguida:

— Atualmente, essa caveira é para mim um pedacinho do passado. Olhar para ela é ver a criança que eu fui um dia. E tocá-la — retirou a mão do ombro miúdo e passou as pontas dos dedos sobre o feltro — é quase como apalpar a essência do tempo.

Sentindo a garganta um pouco dolorida, Christopher falou:

— O senhor queria ser criança e novo?

— Isso nunca! Se há algo de bom nesta vida é o fato dela ser uma estrada de mão única. A passagem do tempo é o que faz a saudade ter sentido; a velhice, o que nos deixa conformados.

O tio-avô possuía um modo diferente de expressar-se.

Então, Christopher lembrou-se. E apontou para o vidro grande.

— Sim? — disse o homem idoso.

— São olhos-de-boi.

As feições do menino se contorceram.

O rosto do velho iluminou-se.

— Ah, entendi! Ora, que coincidência. Quando pequeno, eu também achei que fossem olhos de verdade. — Abriu o pote e apanhou um deles. — Tome, pegue.

Christopher relutou.

— Vamos — insistiu. — Não morde.

O garoto abriu a mão direita em concha.

Era leve, todavia, dura feito uma pedra.

Tio Vampiro perguntou:

— Ouviu falar de Itanhaém?

Christopher fez que sim, lembrando um final de ano no litoral.

O velho continuou:

— Em Itanhaém há um rio. Após uma chuva pesada, ele costuma trazer bastante entulho: mato emaranhado, troncos, folhagens... São levados até o mar numa área chamada Boca da Barra e as ondas devolvem tudo para a praia. No meio da sujeira, às vezes encontramos esses olhos-de-boi. Da primeira vez, eu fiquei admirado como você. Um olho podia ficar rígido assim? O que aconteceu ao boi? Só mais tarde eu soube a verdade.

— "Verdade"?

— Sim. É um tipo de semente.

O rosto de Christopher mudou da careta para a surpresa.

— "Semente"?

— Isso. Ela cai na água e o rio leva para o mar. Tem gente que usa como um amuleto ou simpatia, eu prefiro o contato dela na mão. É lisa, brilhante e bastante dura. Também me faz lembrar do mar, das caminhadas que eu fiz pela praia. Leve essa para você... para se lembrar dessa visita.

Christopher tratou de enfiar no bolso de sua bermuda.

"Caminhadas na praia?", pensou. Isso não combinava. Em sua cabeça, o tio-avô sempre fora um velho taciturno, jamais saíra desse covil. O mundo era mais complexo do que ele podia assimilar.

Tio Vampiro abriu os braços, tentando abarcar tudo ao redor: seus

livros, os potes, os velhos brinquedos, a coleção de minerais, as miniaturas de automóveis, tudo.

— Cada objeto aqui vai além do que se vê. Possui uma história não escrita. Às vezes, basta um olhar; outras, um toque. Sabe, Christopher, a visão e o tato são sentidos poderosos... Mas claro, só a mim eles dizem respeito. Para você ou qualquer outro, essas coisas nada significam.

O garoto não discordou, todavia, achou polido não expressar isso em voz alta.

Tio Vampiro prosseguiu. Era como se tivesse tanta coisa presa dentro dele que, a partir do momento em que o ouvinte certo cruzara o seu caminho, o dilúvio principiara.

— Estão mudas e mortas feito as folhas de um outono que nunca partiu. — Seus dedos tocaram delicadamente as lombadas dos livros mais próximos. — Este livro eu ganhei de um médico de Porto Alegre com quem me correspondia; um homem muito culto, cuja biblioteca era muito maior do que a minha. Este outro foi-me dado por uma colega de trabalho que, infelizmente, suicidou-se, incapaz de perdoar-se por algo ruim feito na juventude. Este livro de mitologia foi presente de um irmão, quando ainda mantínhamos contato. E este daqui — Ah, há quanto tempo! — eu adquirei num "sebo" que frequentava perto da Praça da Sé. Dentro deles há as histórias de seus autores, porém, mais além existem outras não contadas, das diversas mãos pelas quais passou até chegar as minhas. Este cadeado de ferro enferrujado era de meu avô... Ainda funciona! Esses calendários de bolso foram-me dados por um tio, homem muito bom, porém traído pelo próprio

irmão. Este punhado de terra eu apanhei em uma cidade chamada Salto, onde morei e costumava passear com a Loba.

— Loba? — O menino girou a cabeça, inquieto.

— Ah, ela se foi muito antes de você nascer. Era a personificação da meiguice. Guardo um tufo de pêlo dela em algum envelope por aí. Esses bonequinhos eu fiz quando era moço. Esta pedra apanhei no quintal da Simo... de uma pessoa, muito tempo atrás.

"Essa mulher outra vez", pensou Christopher.

— Mas chega de toda essa conversa — disse o Tio Vampiro. — Deve ser tão emocionante para você quanto folhear o álbum de fotografias de um estranho.

Sim e não.

Os olhos do menino passaram dos livros para as rochas, o microscópio, o globo e a luneta. Tentou imaginar o que eles poderiam contar, de quais lembranças estariam impregnados. Era a primeira vez que lhe era dado a perceber a tênue ponte entre o concreto e o abstrato; e tudo aquilo que um dia foi, é e será. Era um mundo em mutação permanente e não fixo. Uma corrente de elos que se partiam para que outros pudessem ser formados.

Isso causou um misto de admiração e de temor.

A incerteza da inconstância.

A novidade do porvir.

Graças a ele.

— O senhor é professor, tio?

O velho ficou espantado.

— Eu? Oh, não! — respondeu. Sou aposentado. Fiz várias coisas, nada que gostasse de fato. Somente fiz o que precisava para viver, mas não era a minha vida. Quanto a lecionar, não tenho a

formação necessária ou a vocação, tampouco o mundo precisa de mais um professor despreparado. Sou tímido demais. Eu não me vejo dando aula para um bando de garotos.

— Nem eu — disse o sobrinho-neto sem pensar. Caiu em si, corando. — Digo...

Inesperadamente, Tio Vampiro, pela primeira vez, sorriu.

E Christopher pegou-se sorrindo também.

De repente, a sala não era mais tão sombria; tampouco o tio-avô, tão sobrenatural.

Aos olhos do menino, o velho tornara-se humano.

9 - FILMES E GIBIS

Um furo aberto em uma barragem podia gerar uma torrente.

Uma gota caída podia ser o prelúdio de um aguaceiro.

As comportas foram abertas em ambos os sentidos.

— E de onde vem isso? — indagou o menino.

— Ganhei de meu pai. É um canivete de cabo de osso.

— A ponta está quebrada...

— Eu tinha mais ou menos a idade de quando fiz a caveira amarela. Brincava de fincar o canivete no chão ou num pedaço de madeira. Acho que foi assim que quebrou.

— Se está quebrado, por que guarda?

— Como quase tudo aqui, traz alguma recordação. Este canivete me faz pensar numa época em que meu pai era diferente e eu queria acreditar que éramos uma família...

Apesar de ser uma criança, Christopher percebeu de imediato haver tocado em um ponto nevrálgico. Ponto, aliás, com o qual identificou-se. Tratou de apontar para outro objeto.

— E esse relógio velho?

— Ah, foi o meu primeiro relógio e pulso. Anterior até à caveira e...

— E essa pedra?

Era achatada, escura, ovalada, de diferentes matizes de cinza.

O velho virou-a, revelando uma figura mais ou menos semelhante a uma samambaia que a mãe de Christopher tinha pendurada no quintal.

— É um fóssil de trilobita.

— "Tribita"?

— Trilobita. Uma criaturinha dos mares. Viveu há centenas de milhões de anos no fundo lamacento.

— Lama? Mas é pedra!

— Por isso foram necessários milhões de anos. A lama cobriu pouco a pouco. Veja aqui, as camadas. Já pegou um pedaço de telha na mão?

— Já.

— Percebeu como é duro feito pedra? E, no entanto, foi feito de argila...

— "Fossa"?

— Fóssil — e explicou em poucas palavras o que significava e sua formação através do cadinho do tempo.

— E isso aqui?

— É um imã. Não me recordo de quem ganhei. Era criança feito você. Veio do dínamo de uma bicicleta.

Christopher conhecia imãs, mas nunca um vira naquele formato. Eram objetos misteriosos. Podiam atrair coisas a distância, ou repelir outro imã. Isso era mágico, não era? Não sabia o que era um dínamo e a pergunta chegou a ficar na ponta da língua, contudo, foi rapidamente ultrapassada por outra:

— E aquilo ali?

— É um lagarto ápode —
respondeu, constrangido.

E, antes que o sobrinho-neto indagasse sobre o significado de "ápode", explicou:

— Um tipo de lagarto que perdeu as patas. Também chamam de cobra-de-vidro. Mas não é cobra e, claro, nem é de vidro.

Estava mergulhado em álcool. Era muito bonito. Possuía várias listas longitudinais ao longo do dorso e o ventre amarelo. Embora se assemelhasse a uma serpente, a cabeça era mais parecida a de um lagarto, principalmente pelos olhos, fechados. Cobras não possuíam pálpebras. Havia um ferimento nela, quase próximo ao final do corpo.

O velho percebeu o olhar minucioso do menino.

— Devia ter sido atropelado. Mas ainda vivia e contorcia-se no meio da rua, por isso reparei nele. Eu tinha quatorze anos — vacilou. — Então, apanhei-o e coloquei no álcool.

Christopher não percebeu a hesitação do tio-avô, admirado que estava com a criatura. Um lagarto sem pernas! Nunca vira nada assim. Todos os lagartos tinham pernas, inclusive as lagartixas que surgiam na entrada de sua casa à noite, próximo à lâmpada, para apanhar insetos.

Mas o Tio Vampiro não iria deixar passar a oportunidade diante dessa criança mais jovem do ele fora na época do infeliz animal. Seria menos uma lição e mais um desabafo. Se o menino queria falar, também aprenderia a ouvir.

— Quando se é moleque, podemos ser terríveis. Eu não era exceção. Embora este lagarto, provavelmente, fosse morrer devido ao

ferimento. — Fez uma pausa. — Isso não muda o fato: eu o matei. Crianças fazem coisas assim: caçam insetos, atiram pedras em passarinhos, judiam de outras crianças.

— Eu sei — murmurou Christopher, lembrando a contragosto as brincadeiras das quais fora vítima na escola. Sempre o último a ser escolhido nos jogos, a ingenuidade humilhada por garotos de malícia. E quanto a si? Ele próprio colecionara borboletas. E já "caçara" moscas usando um elástico. Sofreram as moscas menos do que ele nas mãos dos moleques? — Eu sei.

— Mas a vida é um milagre e, como todo milagre, é sagrada, preciosa, merece ser preservada. Hoje, penso, eu jamais faria isso, compreende? Se eu não pudesse tratar o ferimento, tampouco mataria. — Interrompeu-se outra vez. — Ou o faria por misericórdia? Ah, não sei! Não se deve matar insensatamente nenhuma criatura, é isso o que eu quero dizer. Mas a verdade é que sempre matamos direta ou indiretamente, conscientemente ou não.

— Nem pernilongos ou baratas?
O velho pestanejou.

— Bem, às vezes, não é possível ser completamente fiel aos nossos princípios — admitiu. — Não se esqueça das traças, brocas e cupins... Enfim, hoje, arrependo-me da morte dessa linda criatura. Ela dá pistas de como as cobras e as serpentes podem ter se originado. Se você olhar detidamente, verá vestígios das patas traseiras. Só uns toquinhos. Experimente com esta lupa.

Era verdade.

Duas pequeninas protuberâncias, quase imperceptíveis.

Christopher ficou boquiaberto.

Lagartos sem patas.

Se existiam, por que não os vampiros?

Os dragões?

Os fantasmas?

E os lobisomens!

— Mas se o senhor se arrepende, tio, por que guarda? Por que não enterra?

— Já pensei em fazer isso.

— Por que não fez?

— Ei, dê-me um tempo para pensar, certo? E outro para falar. Quando ficamos velhos, a cabeça fica mais lerda. Está bem?

O garoto fez que sim.

— Ótimo. Eu digo para mim mesmo que não fiz porque, senão, ela teria morrido à toa. Outras vezes, falo que é por ela fazer parte de minhas recordações. Ou, apenas, por eu achá-la bela e querer conservar. É tudo hipocrisia. Nem sempre ser o nosso próprio psicólogo funciona, sabe? Aliás, eu diria quase sempre não funciona: nunca deixamos de ser parciais.

— E o que é aquela outra coisa ali do lado?

— Refere-se a minha coleção de marcas de cigarro?

— E aquilo lá?

— Ah, os meus desenhos?

E as perguntas sucederam-se uma após a outra, a ponto de Tio Vampiro desejar que o menino tivesse controle remoto a fim de desligá-lo. Não tendo, resolveu trazer a sua televisão do porão e o videocassete. Então, fez o sobrinho-neto assistir a antigos filmes onde as estrelas eram os monstros criados por Ray Harryhausen: *O Monstro do Mar Revolto*²³, *A Vinte Milhões de Milhas da*

*Terra*²⁴, *Jasão e o Velo de Ouro*²⁵, *Fúria de Titãs*²⁶.

Christopher ficou empolgado.

Apesar de serem velharias, os filmes eram intrigantes. E os monstros, apesar de monstros, não despertavam tanto medo assim, mas fascinação. Tio Vampiro falou sobre o processo da animação *stop motion*, acreditando que, assim, tornar-se-iam mais emocionantes e menos aterradores. A bem da verdade, Christopher fez ouvidos de surdo à explicação. Na cabeça do sobrinho-neto, aqueles seres incríveis eram reais, existiam em algum lugar, nem que fosse somente dentro dele. O polvo gigante, o lagarto lutando contra um elefante, o duelo entre homens e esqueletos. Em vez de sustos, admiração.

Foi bom para o próprio Tio Vampiro. Fazia anos que não revia aquelas imagens. Despertavam boas sensações. Amava aqueles monstros. Contribuíram para despertar em si a curiosidade pelos mistérios do espaço profundo e as vidas que por lá poderiam existir, e, também, pela mitologia grega, onde havia seres estranhos em profusão, cujo coração, a bem da verdade, era por demais humano.

— Não somente esses filmes fizeram isso — completou o velho, ajeitando os óculos sobre o nariz. — Mas os gibis também. Você lê gibis?

Christopher franziu a testa.

— Minha nossa! As crianças de hoje sequer sabem o que são gibis... O termo é arcaico, como tudo o mais por aqui, afinal, era uma marca como gilete

²³ *It Came from Beneath the Sea*, Robert Gordon, 1955.

²⁴ *20 Million Miles To Earth*, Nathan Juran, 1957.

²⁵ *Jason and The Argonauts*, Don Chaffey, 1963.

²⁶ *Clash of the Titans*, Desmond Davis, 1981.

ou bombril. Refiro-me a revistas em quadrinhos.

Isso o menino sabia o que era, porém, confessou ter lido muito pouco, preferindo jogar no computador.

O tio-avô levantou-se de sua poltrona surrada e caminhou em direção a uma das estantes, na seção onde Christopher lera nas lombadas os nomes de algumas revistas.

— Esses gibis, como tudo o mais, são recordações do tempo de garoto. Muita coisa, infelizmente, o tempo cuidou de levar. Mas, quero acreditar, preservei os melhores. Era um costume das crianças de minha época, além de brincar na rua: ler gibis. Hoje em dia, vivem presas à televisão ou, como você, ao computador. É pena. Se os adultos de meu tempo criticavam os gibis em vez das crianças ocuparem-se com livros, ao menos as revistas em quadrinhos serviam para cultivar o gosto pela leitura, conforme ocorreu comigo. Ademais, era precipitado da parte daqueles. Havia histórias excelentes. Hum, esta aqui, por exemplo.

Era um volume contendo exemplares das revistas de Walt Disney.

— Deixa eu marcar para você. — Apanhou umas tiras de papel em uma escrivaninha próxima. — *A História do Dinheiro*²⁷. Sim, muito boa! Imagino que você não conheça o *Manual do Tio Patinhas*²⁸?

O menino fez que não.

— Foi o que pensei. Ele deve estar aqui em algum lugar. Ah, isso! Aqui está. Mas fica para depois. Primeiro, os gibis. Aqui, outra história maravilhosa: *Donald*

²⁷ Almanaque Tio Patinhas, nº 30, Editora Abril, Janeiro 1968.

²⁸ Editora Abril, 1972.

*na Matemagicalândia*²⁹. O desenho animado é ótimo! Infelizmente, não o tenho. Bem poderia ser o primeiro passo para você gostar de uma matéria que a maioria dos alunos detesta: a Matemática. E este: *Donald e a Roda*³⁰. Mas precisamos de uma grande aventura também. Onde está... Ah, eis aqui: *Perdidos nos Andes*³¹. Donald e seus sobrinhos descubrem uma cidade e, nela, há galinhas que botam ovos quadrados.

— "Ovos quadrados"?

— Sim, sim... Estranho, não?

Devo ter aqui uma leitura mais séria. Os gibis podem ser sérios, sabia? Onde está, vejamos... — Virava as páginas delicadamente. — Aqui está! *Os Segredos da Vida*³². É uma história e tanto. Fala da evolução da vida, a maior de todas as aventuras.

Tão ou mais interessante que as palavras, Christopher percebeu, era observar o semblante do idoso a medida em que divagava e, de alguma maneira, voltava a ser a criança que, um dia, lera pela primeira vez tais histórias. Aquele era o vampiro, o parente sinistro que todos temiam? O menino quase — somente quase — conseguiu acreditar na hipótese do tio-avô ter sido tão jovem quanto ele era.

O velho, absorto, concluiu:

— Bom. Experimente ler algum desses que eu selecionei, depois, diga-me o que achou.

Tio Vampiro estendeu o braço, oferecendo o volume encadernado. Notava-se a relutância, um esforço tremendo de sua parte.

²⁹ Almanaque Tio Patinhas, nº 19, Editora Abril, Fevereiro 1967.

³⁰ Almanaque Tio Patinhas, nº 24, Editora Abril, Julho 1967.

³¹ Mickey, nº 60, Editora Abril, Setembro 1957.

³² Almanaque Disney, nº 6, Editora Abril, Setembro 1971.

Christopher apanhou-o com ambas as mãos, sentindo não somente o peso em si, mas o peso imaterial, da responsabilidade. "Não mexa em nada", tinham sido as palavras daquele homem. E, agora, isso. Um passo e tanto. Retornou para o sofá, apertando o volume no peito, rezando para não o derrubar.

O idoso anuiu.

— Depois, se quiser, poderemos passar para os gibis do Maurício de Souza. Conhece a Mônica, o Cebolinha, o Horácio?

O garoto fez que sim.

— Benzadeus! Ou algum super-herói. O Super-Homem seria adequado. Minha história predileta é *O Super-Homem Imortal*.³³ Ele viaja no tempo até um futuro tão distante que a humanidade deixou de existir. Sim, há muita coisa boa que os adultos naquela época ignoravam. Vamos, leia.

O menino obedeceu.

Sim, o garoto poderia ficar entretido — e calado — por mais algumas horas.

10 - O QUARTO PROIBIDO

Christopher iniciou sua leitura meio de má vontade. Aos poucos, pegou-se gostando daquilo que lia a ponto de devorar histórias que o tio-avô sequer mencionara. Quando deu por si, quase todo o volume fora lido. Somente ergueu a cabeça ao dar-se conta da fraca luminosidade.

Era um final de tarde pachorrento.

A noite tempestuosa tornara-se uma vaga lembrança e um sol cinzento

inclinava-se em sombras pelo assoalho até derreter-se no canto escuro onde se encontrava a escada em caracol.

— Tio?

Onde estava o Tio Vampiro?

Não fazia idéia de quanto tempo se passara desde que ele deixara-o a sós. O relógio cuco não funcionava, embora isso não fizesse muita diferença, habituado que estava em ver as horas através de um relógio digital. O estômago dizia-lhe que um lanche cairia bem, uma bolacha recheada ou apenas uma água-e-sal. Depositou cuidadosamente o livro feito de gibis sobre a mesinha de centro e foi até uma das janelas, a que dava para aquilo que o velho chamava de jardim.

Não, Tio Vampiro não estava lá. "Tio Vampiro."

Ele possuía um nome completo? Algo mais além de Francisco? Claro que sim, todo mundo tinha um nome e sobrenome, não tinha? Alguns até mais. Todavia, o que importava? Como o tio-avô dissera, nomes eram apenas rótulos. E, fosse Francisco ou Chico, para Christopher — ainda que não voltasse a pronunciá-lo na frente do velho —, ele sempre seria o Tio Vampiro.

Apurou os ouvidos.

Alguns pardais faziam as últimas algazarras. Mais além, um cachorro solitário latiu.

Então, Christopher escutou algo semelhante a um suspiro no andar de cima, um rumor abafado.

Seria o vento?

Embora estivesse mais acostumado, o interior da casa ainda era grande e enigmático.

Hesitante, andou em direção à escada em caracol. Colocou o pé direito no primeiro degrau de ferro fundido e pôs-se a subir. Foi devagar, pé ante pé.

³³ Superman Bi, nº 39, EBAL, Julho 1971.

O burburinho ainda era incompreensível, porém, soava cada vez mais alto aos seus ouvidos.

Finalmente, atingiu o topo.

A voz era abafada.

O tio-avô?

Sim.

Conversava?... Aparentemente, sim. Mas, com quem?

Escutou a voz cavernosa um tanto encoberta:

— Por quê?

A seguir, o idoso caiu em prantos.

O que estaria acontecendo?

Tomado pela incerteza, os pés do menino avançaram vagarosamente.

Os sons vinham detrás de uma porta pesada, detalhes florais esculpidos na madeira escura, cujo interior era-lhe desconhecido. Ficava do extremo oposto do corredor onde se situava o seu quarto.

A luz acesa vinha de dentro numa tira horizontal sob a porta. Aproximou-se dela, hipnotizado, e, quando estava prestes a tocar na maçaneta, vacilou.

Achou melhor observar através do buraco da fechadura. Foi nesse instante que, de repente, a tira de luz apagou-se.

A porta se abriu de supetão e o velho emergiu numa silueta enorme e escura.

Suas feições na penumbra estavam completamente alteradas. Por trás dos óculos de armação pesada, um feixe de luz arrancou chispas daquele olhar. A respiração era rápida, densa, audível.

Trovejou:

— O que está fazendo?

— E-eu nã-não vi o senhor, tio.

Eu pensei...

A voz do velho estalou feito uma chibatada:

— Pensou o quê? Pensou que pensa?

Tio Vampiro estava possesso. Sua fisionomia era um misto de fúria e dor profunda.

Christopher sentiu o coração palpitar. Não compreendeu o porquê da zanga do velho. O que teria ocorrido dentro do aposento? O que seriam os sussurros por trás daquela porta? Teria alguém lá? Quem? E as lágrimas? Na sua cabeça, as histórias dos primos, principalmente de Jonas, retornaram nítidas, assombrosas e malévolas. Ganharam contornos físicos sob as mãos enormes e longas, transformadas em garras, rudemente postas nos ombros do menino.

À frente de Christopher, ereto em toda a sua magreza, palidez e altura, o rosto meio oculto pelas sombras, o tio-avô ergueu a criança sem demonstrar esforço e bradou em tom ameaçador:

— Você nunca — Eu disse: NUNCA! — entre neste quarto. Está entendido?

O tom imperativo daquela voz gutural não admitia ser contrariado.

Insistiu:

— ENTENDEU?

As pernas curtas balançaram no ar.

Christopher pensou que seria jogado de lá do alto. Sentiu o odor enjoativo daquele hálito misturado ao xampu barato nos cabelos ralos. Um bolo formou-se em sua garganta. Fechou as pálpebras, apagando de sua visão o par de olhos terríveis, afundados nas órbitas. Sentiu as lágrimas brotarem. Moveu a cabeça num "sim" amedrontado repetidas vezes, mais do que o necessário.

O corpo do velho, ainda rígido por mais uns segundos, relaxou e soltou o garoto.

O menino apoiou-se na parede para não cair.

A mão direita do velho desapareceu um momento no interior do quarto misterioso e a luz foi apagada. Mais senhor de si, falou:

— Agora desça! Ainda é cedo para recolher-se. Vou fazer um sanduiche para você ir comendo enquanto eu preparo a janta.

Trêmulo, foi a vez do menino sentir raiva, mais raiva do que medo, uma indignação profunda, uma vontade de berrar. Sem responder, girou nos pés e desceu rapidamente os degraus.

Comprimiu os lábios e engoliu o choro, apesar dos olhos marejados. Enxugou as lágrimas. Mãos crispadas de ódio. Não iria fazê-lo na frente do velho. O filho da... Vampiro ou não, não fora justo. O menino não fizera nada de errado para tomar aquela bronca, nem ser alvo de tamanha ira.

O que fizera o tio-avô chorar?

O que teria lá dentro?

Poções mágicas e feitiços?

Um monstro pior do que ele?

Um caldeirão para cozinhar

crianças?

Um caixão de defunto onde ele dormia?

Que enfiasse tudo aquilo goela adentro!

Estava farto de repreensões. Motivadas ou não, havia inúmeras delas em sua própria casa.

A princípio, desejara contar o quanto gostara das histórias do Pato Donald: as aventuras em lugares exóticos, as encrencas, as situações engraçadas. Agora, que o pato e seus sobrinhos fossem para o inferno! Eles e o tio-avô. Retardado! Desgraçado! Maldito! Queria somente terminar seus

dias naquele buraco esquisito e retornar para casa.

Sentou no canto do sofá escolhido como favorito, abraçado aos joelhos.

Mais tarde, mordeu dois pedaços do sanduiche de presunto e queijo. Só dois pedaços. Ignorou o chá, preferindo deixar a garganta seca, áspera e dolorida.

À noite, após o pesado silêncio do jantar, Tio Vampiro, a fim de assegurar-se de pôr um freio à curiosidade do menino, reservou-lhe um castigo especial: colocou no videocassete o filme *A Casa da Noite Eterna*³⁴. Havia anos não o assistia, e sentiu-se gratificado ao revê-lo e às emoções perturbadoras que despertava. Sentia-se malévolo. O filme fazia jus ao gênero e, não por acaso, era uma película inglesa. Os ingleses eram mestres. *A Casa da Noite Eterna* não apavorava pela gritaria — embora houvesse alguma —, mas por seu silêncio, por sua trilha sonora arrepiante, pelo suspense de fazer as mãos cravarem-se na poltrona como alguém a mercê de um dentista insano. Sim, tão diferente das frivolidades dos filmes americanos, seus estardalhaços, molhos de tomate e um bando de adolescentes estúpidos, pedindo para serem apanhados.

Não era um filme apropriado à idade do menino, em absoluto.

"Mas", pensou o idoso ressentido, "quem irá me impedir?"

A expressão do garoto era de puro horror.

A mansão.

O nevoeiro.

As manifestações.

O pavor sem forma.

Fora perverso.

³⁴ The Legend of Hell House, John Hough, 1973.

Fora sádico.

Fora cruel.

Provavelmente desnecessário, não fosse o fato de haver perdido a chave daquele quarto muitos anos atrás. Precisou fazê-lo. Quis fazê-lo. Sentira-se invadido, ultrajado, despido de tudo o que lhe era mais íntimo e sagrado. Percebera a tempo o sobrinho-neto do lado de fora e o que, certamente, estaria prestes de fazer. Sabia do poder da curiosidade infantil. Tivera exemplos de sobra daquele outro sobrinho-neto, o pirralho inquieto que a baleia deixara de devorar. Tinha de inibir os deslocamentos de Christopher pela casa, especialmente no pavimento superior, pois não conseguiria ficar vinte e quatro horas por dia de olho no garoto. Principalmente amanhã, quando iria ao banco e providenciaria as compras do mês. Não daria para levá-lo na garupa de sua bicicleta, pois nem garupa ela tinha mais. Amarrá-lo à escada estava fora de cogitação — não que não tivesse considerado essa hipótese. Apesar de tudo, uma parte de si admirara-se: ao contrário de Jonas, Christopher não desabara.

Vira o temor inicial tão logo o menino chegara.

Testemunhara o despertar da luz em seu semblante.

Agora, atirara um balde de água gelada em sua chama.

Das profundezas gélidas da alma, os monstros retornaram.

Os monstros...

Pelo menos, Tio Vampiro fora sincero: havia um monstro dentro de cada um.

Ele revelara o seu.

11 - ALGO RASPANDO

O velho lançou um derradeiro olhar de advertência ao menino.

Mas Christopher não prestou atenção, embora tremesse por dentro.

A sonolência dominava-o após uma noite mal dormida. Nunca se sentira tão infeliz, solitário ou aterrorizado. Na última noite, chorara, enfim, sob o refúgio das cobertas, entretanto, dessa vez, ninguém aparecera a fim de confortá-lo. E, apesar de tudo, em plena madrugada, quase desejara que algum fantasma surgisse e o levasse para bem longe dali. Pela primeira vez na vida, vira o Sol despertar no horizonte, afugentar o medo, a solidão e a tristeza, deixando somente a mágoa e a raiva. Sobrevivera à escuridão no "Castelo do Drácula" e, através dos meandros de seus pensamentos, isso representara uma vitória, não obstante o sabor amargo.

Por ele, teria continuado o dia todo na cama a fitar o teto, não fosse a insistência do tio-avô para que descesse e ficasse na sala até seu retorno.

— Não demoro — falara o Tio Vampiro após o café da manhã, sem maiores explicações. Fora tão lacônico quando no início da visita.

"Vá pro diabo!"

Passou a chave na fechadura pelo lado de fora. Logo, saía em sua bicicleta em direção ao pequeno centro comercial do outro lado do lago, cerca de vinte minutos dali, por ruas esburacadas e sem asfalto.

Não tardou para o silêncio cair pesado e cheio de sombras no interior da casa.

Christopher permaneceu na mesma posição por vários minutos.

Em outra circunstância, ficar aprisionado ali teria sido pior do que a morte. Contudo, a cabeça doía, estava tonto de sono e tomado pela indignação.

Talvez tivesse adormecido por um momento, mas não teve certeza. Perambulou pela sala a esmo, sem os chinelos, sentindo a maciez do tapete antigo ou o frio do assoalho.

Tinha gana de arrancar as tranqueiras das estantes, trocar as fitas de videocassete de suas caixas, mudar os livros de posição ou espalhá-los pelo chão, pisoteá-los, arrancar suas páginas. Que tal seria dar um monte de nós nas correntes dos pesos do relógio cuco? Faria aqueles esqueletos ficarem tão juntos quanto os adolescentes namorando na escola. E pendurar-se nas cortinas a fim de arrancá-las dos trilhos? As possibilidades eram inúmeras. Por um segundo, ficou maravilhado. Derramar o álcool daquela cobra-de-vidro nas estantes e atear fogo!

"Uau!"

O pequeno Nero não fez nada disso.

"Não mexa em nada."

— Mexo se eu quiser! — desafiou.

As primeiras palavras ditas pelo velho ao encontrarem-se sozinhos ainda reverberavam em sua cabeça. As batidas de um sino no campanário incomodariam menos.

— Mexo se eu quiser — resmungou sem ênfase.

Por quem o Sr. Debilóide o tomava? Outro Jonas?

Sorriu consigo ante a lembrança. O primo mijara-se de medo ali, exatamente naquele lugar em que Christopher estava. Sua mãe tê-lo-ia repreendido. "Urinar... É urinar!" Esse era o termo correto, sério, de gente

direita. Gostaria de levar pimenta na boca? Oras, onde estava ela agora? Divertindo-se em algum canto, toda maquiada, de vestido bonito, refestelando-se ao passo que ele...

— Mijar! Mijar!... Jonas mijão!... MIJÃO!

Sua voz reverberou pela casa, trazendo-lhe um calafrio na espinha. Foi como se a construção fizesse coro ao xingamento.

Ah, o conhecimento era precioso. Saber e poder. Nunca mais o fanfarrão sardento iria judiar dele, não com esse trunfo em mãos. Certamente, algum colega da escola de Jonas adoraria saber. Melhor ainda: a classe toda! Sim, no devido tempo. A vingança não era uma virtude, todavia, não deixava de ser uma delícia.

E continuou a gritar isso e outros palavrões, alguns dos quais sequer sabia o significado. E a casa tornou a repetir e repetir. Não se portava feito um bicho-papão, mas, um aliado. Era liberador. Não havia ninguém a repreendê-lo. No paradoxo de seu confinamento, encontrava-se livre. Seguido aos ecos, o silêncio inquietante retornava. E o sentimento de liberdade esvaia-se rapidamente, substituído pela consciência de onde se encontrava.

E se o tio-avô não retornasse?

E se fosse atropelado por um carro?

E se caísse da bicicleta e quebrasse a perna?

E se decidisse cair no mundo para não mais voltar?

— CAGÃÃÃOOO! — gritou o mais alto que pôde a fim de expulsar seus temores. Não lhe agradou nenhum pouco essa linha de pensamento e tratou

de enterrá-la no fundo de alguma gaveta do cérebro.

A casa repetiu o palavrão e, dessa vez, a ofensa estava direcionada a si e não a Jonas.

"Cagãããooo... gãããooo... ãããooo... ooo"

Isso serviu para tirá-lo um pouco do torpor.

O Tio Vampiro voltaria.

Ele precisava retornar aos seus preciosos livros e cacarecos cheios de histórias.

Foi quando deu-se conta da grande verdade: estava fazendo sol quando o velho saiu. Vampiro algum jamais suportaria isso. Nem se usasse protetor solar ou óculos escuros.

"Pode ser um tipo diferente de vampiro", falou uma vizinha no canto de sua cabeça. "Um mutante!" — palavra complicada, aprendida havia pouco tempo e que soava bem aos ouvidos: "Mutante!"

"Ele não é vampiro", repetiu a voz de sua mãe do outro lado.

Em quem confiar?

Achegou-se perto da poltrona de estimação do idoso. O livro grosso continuava num dos braços, agora fechado. O marcador de folha seca estava lá — uma folha lanceolada de abacateiro, porém, não havia como o menino saber disso —, pouco depois da segunda metade do volume.

A criança entortou a cabeça e leu a lombada um tanto vacilante:

— *História da Minha Vida...*

Era a autobiografia de Charles Chaplin³⁵.

"Quem é esse?", perguntou-se vagamente, dando de ombros em

seguida, apesar de haver algo familiar no nome. Seria um presidente americano? Como escrevera um livro da história da própria vida? Um livro! A professora Cristina mandara fazer uma redação desse tipo na escola. Christopher lutara para usar todas as linhas do papel almaço, fazendo uma letra maior e esticando as palavras. Inchara-se de orgulho do "Muito bem!" que ela escrevera no canto superior direito com sua caneta esferográfica vermelha de tampa mordida. Entretanto, um livro inteiro? Para ter tanto assunto assim, deveria ser alguém muito, mas muuuuito velho... Como o Tio Vampiro. Ficou tentado a folhear o livro, mas não o tocou.

Foi quando sua atenção foi atraída para uma escrivaninha ao lado da escada em caracol, atrás dos primeiros degraus. Ficava um tanto oculta por trás do espaldar alto da poltrona e, por isso, não chamara a sua atenção anteriormente. Agora, fosse pela mágoa, pelo calafrio ou por estar sozinho — livre —, apercebeu-se dela. Devia ter se destacado mais cedo, pois era onde se encontrava o computador do velho e, ao lado dele, uma impressora matricial. Eram dois objetos que poderiam fazer o papel de um luminoso: não combinavam sobremaneira com o lugar. Intrusos da era moderna em uma cápsula fragmentária de tempo.

Christopher não se perdeu em divagações tão transcendentes assim. Seu pensamento mais imediato ao ver o monitor foi: *videogame!* Se estivesse em sua casa, ligaria o aparelho e brincaria com alguns de seus jogos favoritos. Era o que havia de melhor para fazer o tempo andar depressa e onde podia bater ou machucar sem causar ou sofrer dor.

³⁵ *My Autobiography Charles Chaplin*, Livraria José Olympio, 1965.

Quase... Ufa! Esteve por um triz de pressionar o botão para ligar o computador do tio-avô. A tentação foi muito forte. E por que não o fazia? O velho saía. Ninguém notaria.

"Não! Eu não sou Jonas", pensou, embora um resquício de medo dissesse não estar sendo completamente sincero.

O velho se fora, mas sua sombra permanecia.

"Não mexa em nada."

— Eu sei!

Havia um texto sobre a escrivania, em uma folha de formulário contínuo. Era assinado por "Francisco" e, apesar de ser um nome comum, o garoto concluiu imediatamente ser de autoria do tio-avô. Era comprido, bastante comprido. Christopher leu em voz alta para se distrair e, também, espantar o palpável silêncio do sobrado:

O TEMPO QUE O TEMPO TEM

Se o Tempo pudesse sentar-se ao nosso lado num alpendre, quantas histórias não teria para contar?

Grandes tragédias, pequenas alegrias, muitas aventuras, iguais doses de desventuras.

Talvez deixasse a humanidade de lado por julgá-la por demais mesquinha e presunçosa, além de insignificante diante do desenrolar maior das coisas.

Talvez se concentrasse no lampejo da primeira luz a afugentar as trevas, pincelando o Universo com a alegria das cores.

Ou, então, falasse sobre quando a vida surgiu — não necessariamente na Terra — e balbuciou a primeira de todas as palavras e sentimentos, provavelmente a mais melancólica: solidão.

Poderia também refletir sobre como um evento aparentemente insignificante aqui iria ter

consequências de maior amplitude lá adiante, em outro lugar, quiçá muito além, como peças de dominó tombadas pelo destino.

Poderia contar num sussurro que a sementinha da vida já nascia com o fardo da morte, mas, filosoficamente cogitando, a morte não traria o fim em si mesma, porém o início de uma outra jornada.

Então, pediria um copo de água ou uma xícara de chá para umedecer a garganta e colocar as idéias em ordem. Quem sabe, não haveria um biscoito ou bolinhos de chuva para acompanhar?

Sentir-se-ia cansado, muito cansado de tudo o que vira, de tudo o que presenciara, as lições aprendidas e prontamente esquecidas. Sonhos desfeitos. Realidades mal feitas. A gota de tinta era a mácula do oceano.

Ah, sim, eventos grandiosos aconteceram, edificantes e memoráveis. Mas ele era o Tempo sem tempo, um tanto casmurro, um tanto senil, impaciente. Cantarolaria:

*Fadado a permanência,
a eterna existência.*

*Oh, cuja essência
é somente existir,
mas foi penitenciado,
grilhões algemado,
pelo poder de refletir.*

E, então, levantar-se-ia para ir embora, espreguiçaria, endireitaria a coluna, por mais que desejássemos saber mais, ouvir tantas e tantas histórias, compartilhar sua infinita experiência, sua enorme sabedoria.

*Num meio sorriso, ele responderia, quem sabe, que de uma vida tão longa que, como Tempo, possuía, o que mais gostaria, além de poder esquecer, seria o privilégio que todos nós temos de se deitar em um amplo gramado, deixar-se ficar e, apenas, perecer.
(Francisco)*

Demorou para concluir a leitura. Havia palavras difíceis para ele: alpendre, mesquinha, quiçá, mácula, casmurro, grilhões... Não imaginava que pudessem existir tantas assim. E o sentido geral do texto perdeu-se nos meandros da gramática. Todavia, havia uma grandiloquência que não lhe passou despercebida, tampouco uma palavra, a palavra-chave talvez: solidão. E disso ele entendia. Concluiu ser algo de alguma importância, apesar de não saber exatamente o porquê. A contragosto, pegou-se admirado pelo homem idoso de testa alta. Além de ávido leitor, o velho era também escritor. Oh, sim, o menino continuava muito magoado, mas soube ser honesto o suficiente para admitir seu espanto diante daquela personalidade multifacetada. Doida e sinistra, porém, multifacetada.

Foi quando escutou um ruído, leve a princípio e, em seguida, mais perceptível. O interior da casa deserta funcionava como um amplificador. Provavelmente, até a queda de uma agulha produziria eco. E o som ora ouvido assemelhava-se ao de algo raspando ou roendo como unhas em um tampo de madeira.

— Que porcaria é essa? Não é nada... nem é tudo.

E o ruído ora vinha, ora evanescia.

Mas a imaginação era uma chuva fina sobre o solo ressequido: por mais que empoçasse e o o sol fizesse evaporar, uma porção sempre se infiltrava, umedecia, acumulava.

"Que diacho..."

A apreensão tomou conta.

Sob a terra ressequida, objetos moveram-se sem razão, a semelhança de *A Casa da Noite Eterna*, e, mesmo de

olhos cerrados, aquela trilha sonora apavorante fincara-se em seu cérebro: o tamborilar insistente, o barulho súbito, os murmúrios, o arfar fantasmagórico, o vento que não era vento.

— Não!

Receou que, de um momento para o outro, a escrivanhinha passasse a sacolejar e o monitor fosse atirado por mãos invisíveis até a parede do lado oposto da sala, espatifando-se em um milhão de pedaços. Fizera o possível para apagar o filme de sua mente, ignorá-lo, desde que fora trancafiado a sós no antigo sobrado.

Mas o ruído persistiu.

E vinha lá de cima.

Christopher gelou.

Aquilo não devia — não podia — acontecer.

A inquietação do desespero fez menção de alojar-se em seu espírito.

— Não! — repetiu.

Por fim, malgrado a vontade, recordou-se das palavras de seu tio-avô: "... O maior monstro (...) encontra-se dentro de cada um de nós..."

Tinha de haver alguma explicação.

Novamente, o som de algo raspando.

Sua origem parecia ser o quarto proibido.

Caiu em si.

"O quarto!"

Os olhos arregalaram-se.

Estivera tão absorto na bronca do velho, em sua própria raiva e no medo deixado pelo filme que pusera de lado o motivo fundamental de tudo aquilo que ocorrera nas últimas horas: a pessoa misteriosa.

Engoliu em seco.

"Quem é?"

E, sem pedir, um nome aflorou na ponta de seus lábios, revolteou.

Contudo, foi o pensamento — mais apressado e menos prudente — quem deu-lhe forma e consistência: Simone.

Quem seria essa mulher?

Por que não aparecera durante as refeições?

Seria uma prisioneira naquela casa, naquele quarto?

Os sussurros atemorizados sobre o Tio Vampiro teriam fundamento?

Pensamentos sobre caldeirões e crianças em banho-maria retornaram.

Agora, plenamente desperto, embora a dor de cabeça persistisse, subiu os degraus da velha escada em caracol. Não que assim o desejasse. Longe disso! Preferiria correr para o seu quarto, enfiar-se sob o cobertor e tapar os ouvidos. Todavia, uma força maior controlava suas pernas. E ele foi.

Milhares de imagens vinham e iam a medida em que avançava. Para desconcentrar-se delas — e também para abafar o ruído —, foi enumerando os degraus em voz alta:

— ... Três, quatro, cinco, seis...

Parou no vigésimo degrau.

Foi à direita, em direção à porta do quarto misterioso. Dessa vez, contou seus passos no corredor.

— Um, dois, três...

Parou exatamente no décimo passo, um número redondo. E torceu para que essa coincidência de ser um número redondo fosse um sinal de boa sorte.

"Nunca entre nesse quarto!", veio-lhe a voz trovejante do Tio Vampiro.

Não, não iria entrar.

Olhar pela buraco da fechadura não era entrar.

E foi o que fez.

Tudo o que viu foi parte de uma penteadeira e de uma cortina cor-de-rosa que ia do alto a baixo da parede oposta. Ficou intrigado. Sua atenção foi chamada menos pelo aspecto acentuadamente feminino do aposento do que a imaculada limpeza que a luminosidade dava a entrever. Nenhum outro canto da casa era tão limpo, iluminado e predominado por cores alegres.

Pôs-se a ouvir, porém, o som havia silenciado quando atingira o último degrau.

Reuniu toda a sua coragem e bateu a porta.

Nada.

Bateu outra vez, e, timidamente, chamou:

— Dona Simone?

Nada ainda, exceto pelo ruído que retornara.

Roendo.

Raspando.

Arranhando.

Dava nos nervos.

Então, numa ousadia impensável, Christopher levou sua mão à maçaneta. Era dourada e redonda feito um ovo de ouro achatado. E estava gelada. A carranca de seu tio-avô surgiu furiosa na tela da mente. Apesar do medo, houve uma certa satisfação em estar transgredindo à regra. Girou-a devagar.

A porta abriu sem ranger, revelando maiores detalhes.

Era tudo muito bonito e, conforme ele percebera pelo buraco da fechadura, extremamente limpo. Tal qual o computador e a impressora sob a escada, o aposento destoava da casa, cada qual a sua maneira. A luz do sol entrava pela janela — fora da vista do menino — e iluminava tudo como em nenhuma outra dependência do velho casarão. Era

quase perceptível o aroma de um perfume, perfume de mulher.

— Dona Simone? — repetiu, pensando consigo nos palavrões que pronunciara. — Oi?

Nenhuma resposta.

Nenhum som de respiração ou passos.

Nada.

Não se atreveu a cruzar a soleira, isso não.

"Nunca entre nesse quarto!"

Tecnicamente falando, o garoto permanecia do lado de fora, pés fincados no corredor.

Esticou o pescoço, mas não conseguiu avistar nada mais significativo, exceto a ponta de um pé da cama. Um armário largo ao lado do batente não lhe permitia ver o interior na íntegra. Diante dele, sobre a penteadeira, havia diversos frascos coloridos, uma escova ornamentada e alguns potes fechados. Pelo reflexo do espelho não conseguiu ver nada além da cortina.

— Dona Simone... — insistiu.

Subitamente, o ruído deslocou-se daquele quarto, passou sobre a cabeça de Christopher e foi para o outro lado.

Ficou todo arrepiado e, por pouco, não perdeu o equilíbrio, caindo para a frente, dentro do quarto. Recordou-se da conversa do seu tio sobre ratos na parede. Devia ter sido isso. Devia ser um rato grande e gordo no forro da casa.

Nesse instante, escutou um barulho próximo à entrada da casa.

— Tio Vampiro! — meio que gritou, apavorado.

Esticou-se todo para alcançar a maçaneta dourada sem colocar um pé além da soleira. Com a outra mão, segurou no batente e inclinou-se ao máximo. Os dedos roçaram o metal e,

finalmente, conseguiu. Puxou-a de volta e fechou a porta. Rapidamente, mas sem fazer barulho, desceu os degraus, os quais davam a impressão de haver dobrado de número.

Trêmulo e ofegante, cruzou a sala e praticamente jogou-se sobre o sofá.

Houve o som de uma chave girando e a silhueta do velho destacou-se na entrada.

Farejou o ar feito um cão de caça.

— Ajude-me com as compras — mandou.

12 - UM BRINDE

O grosso das mercadorias foi entregue por um pequeno, caminhão-baú cerca de três horas depois. O entregador, rapaz dentuço de cabelos espetados, não percorreu o trecho do portão da entrada até a varanda, cerca de vinte metros. Em vez disso, descarregou o engradado na calçada, fez o sinal da cruz e foi embora.

A fama de casa mal assombrada não se limitava aos parentes.

O velho já sabia que ele faria isso, assim, deixara um carrinho de mão nas proximidades. Christopher ajudou-o a colocar as coisas no carrinho. Tio Vampiro achou graça do garoto fazer menção em levar tudo sozinho, limitando-se a declinar o favor. Fez algumas pausas pelo caminho e, a contar o número delas no decorrer dos anos, tentou mais ou menos avaliar a sua taxa de envelhecimento e quanto anos mais levaria até não conseguir cumprir o trajeto. Suspirou, conformado.

Tudo o que podia ser entregue a sua porta era a maneira favorita de Tio Vampiro fazer as compras, de preferência ao telefone. Somente se não

houvesse jeito, como no caso de ir ao banco, ao médico ou comprar determinada miudeza que não contasse com esse serviço, ele apanhava sua bicicleta e deixava o reduto do sobrado. Todavia, agora tinha de reconhecer: foi ótimo ter saído. Ficar sob o céu azul, exercitar-se um pouco, contornar o lago por entre as árvores e até manter contato com outras pessoas serviram para apaziguá-lo. Esbravejara à toa com o sobrinho-neto, por sentimentos e acontecimentos que só a si diziam respeito. Todavia, o mal estava feito e, sobre leite derramado não havia muito mais a fazer além de passar um pano imundo por cima.

Quanto a limpeza da casa, a cada quinzena aparecia uma senhora para cuidar de tudo, a exceção do quarto misterioso, ao qual o velho lidava pessoalmente. Tampouco admitia da mulher mexer em suas estantes. Isso também ficava a seu critério, embora não fosse tão rigoroso em relação à poeira nas prateleiras quanto o era no aposento feminino.

Felizmente, a diarista só viria após a partida do sobrinho-neto. Se uma pessoa estranha na casa o incomodava, duas ao mesmo tempo seria uma verdadeira multidão, um suplício.

Antes de ir ao centro comercial, o velho esparramara uma fina camada de pó na entrada do quarto misterioso e um pouco mais para dentro. Não muito, apenas o bastante para que ele, deitando sua vista mais rente ao chão, pudesse perceber as pegadas, caso o garoto viesse a desobedecê-lo. Subiu a pretexto de ir ao toalete. Sentiu o sangue ferver ao reparar nas marcas de pés descalços junto à porta. Não havia rastros do lado de dentro do aposento, embora o pedaço de

fitas adesivas que deixara colado no ângulo inferior da porta tivesse riscado um arco de circunferência no chão.

Desceu.

Fitou o sobrinho-neto.

Observou-lhe os pés pequenos, agora de chinelo.

— Eu não entrei no quarto! — foi dizendo o menino na defensiva.

Tio Vampiro forçou-se a se acalmar.

Bem, era verdade, não era?

Apesar da contrariedade, a fisionomia do idoso atenuou-se.

— Não, não entrou... Você daria um bom advogado, Christopher — falou ironicamente.

Agora, ao iniciar-se a refeição, Tio Vampiro — não sendo um homem de pedir desculpas, mais por força do isolamento do que por orgulho — ergueu seu copo e fez um brinde sem mirar o rosto do garoto. Disse-o baixinho, para si ou para alguma recordação fugidia:

— Às profundezas frias de nosso céu íntimo, onde a dor é o carrasco e também o alento.

O menino não sentia fome, contudo, fingia prestar atenção a qualquer coisa de interessante entre o arroz e o feijão. Até um caruncho seria bem-vindo. Não entendeu patavina do que o velho balbuciara, e nem se importou. Só ergueu o rosto ante o pigarro do tio-avô.

Então, dispondo da atenção do jovem, o idoso concluiu:

— Por mais que o Sol brilhe, em verdade, o céu é frio e escuro.

E tomou o restante da bebida.

"Céu escuro? O céu é azul! Maluco!"

Isso era o mais próximo que o Tio Vampiro chegaria de um pedido de perdão, mas de uma frase tão hermética, sequer se o sobrinho-neto fosse um adulto, conseguiria apreender a metáfora no seu contexto, tomando-a por uma filosofice barata de quem desejava se fazer passar por intelectual.

Christopher pensou na folha sobre a escrivania, cujas palavras difíceis lera sem compreendê-las. E a forma curiosa de expressar-se. Sim, só podia ser dele.

"Maluco!"

O tio-avô prosseguiu:

— Esta noite, vou apresentá-lo a dois monstros.

Dessa vez, ainda que não quisesse, o menino escutou. Calafrio. A palavra "monstro" tinha esse poder. Seu talher caiu sobre o prato num tilintar agudo. Involuntariamente, virou a cabeça para os lados.

Os olhos fundos fitaram-no divertidos.

— Dois filmes antigos: *Drácula*³⁶ e *Frankenstein*³⁷. — Viu a inquietação do menino. — Não se preocupe. Não será assustador. Pelo menos, eu espero. Nem eu havia nascido quando rodaram os filmes. "Rodar o filme", nesta era digital será necessário encontrar uma nova expressão... Em sua época, eles fizeram o público arrepiar-se nos cinemas, Hoje em dia, perto das coisas que se vê, e após uma guerra mundial, a Guerra da Coréia, a Guerra do Vietnã e outras, podem até provocar um sorriso. Dúvida? É verdade! Já falei: o maior monstro está dentro de nós. Drácula não será o vampiro de Saruman, mas o de Bela Lugosi e seu olhar magnético. E Boris Karloff foi a

perfeita personificação da criatura, embora esta pouco tenha a ver com a personagem de Mary Shelley... Ah, mas é igualmente uma obra-prima, um outro olhar.

"Bela", recordou o menino. "De novo esse nome de mulher".

De repente, o telefone tocou. Estridente. Escandaloso. Quem mais no mundo conservaria um antiquado telefone de disco?

Christopher sobressaltou-se na sua cadeira.

Contrariado, o Tio Vampiro ergueu-se para atender. Logo, voltou-se para o sobrinho-neto.

— É a sua mãe.

Foi correndo até o aparelho, perto da poltrona. Era preto feito um urubu e pesado como... como qualquer coisa pesada.

— Mãe!

— Oi, filhinho, como estão as coisas por aí?

— Bem — mentiu, afinal, o tio-avô estava próximo e seus ouvidos eram muito bons. Queria gritar por socorro, falar da judiação, rir e chorar. — Está vindo?

— Não vai demorar. Só queria saber de você. Se está bem...

— Vem logo — implorou. — Estou com saudade.

— Breve, breve. Seu pai e eu estamos nos entendendo. Vai dar tudo certo. Tudo será diferente.

— Vem logo! — repetiu enfático. Estrangulava o telefone.

— Paciência! Comprei uma lembrança pra você. Comporte-se. Se você está bem, então, está tudo bem. Não dê trabalho pro tio Chico. Passe o telefone para ele, por favor.

— Mas, mãe...

³⁶ Tod Browning, 1931.

³⁷ James Whale, 1931.

— Depressa! — E, abafando a voz do outro lado: — Já estou indo, querido!

Christopher retornou desalentado para a sua cadeira, enquanto Tio Vampiro respondia por monossílabos aos agradecimentos. Pouco depois, sentiu aquela mão comprida pesar em seu ombro.

— Não se preocupe. Passará rápido... para nós dois. Termine de comer e venha conhecer meus "amigos"...

13 - A ESSÊNCIA DOS MONSTROS

Christopher, apesar de alguns sustos, reconheceu que, afinal de contas, o maluco tinha razão. *Drácula* e *Frankenstein* foram bem menos assustadores do que o filme da noite anterior. Certamente porque o terror retratado possuía uma forma física, palpável, enquanto que, em *A Casa da Noite Eterna*, era o desconhecido destilado no pavor puro, a espreita na penumbra, de lugar algum e em qualquer parte.

E, ainda, o tio-avô procurou fazer comentários, distraindo e explicando certas passagens.

Gradualmente, o temor do garoto, bem como sua mágoa, passaram para um segundo plano. Em dado momento, observando o desenrolar do filme, comentou:

— Parece um teatro.

Tio Vampiro admirou-se.

— Você conhece o teatro?

— Na escola tem... Eu detesto fazer.

— Entendo... É exatamente isso, Christopher, teatro! Naquele tempo, o cinema ainda era jovem, o irmão caçula

do teatro e mais próximo deste. Aliás, muitos atores e atrizes migraram dos palcos às telas, inclusive o próprio Bela Lugosi. Por sinal, foi no teatro onde ele primeiro encenou o vampiro. Então, os diálogos dos atores eram declamados, exagerados, eloquentes, dramáticos... Hoje, pode soar artificial, mas era onde a alma humana alcançava a sua maior plenitude, e a vida tornava-se mais vívida do que ela própria.

Para alguém tão recluso, o homem de cabelos ralos dava mostra de haver represado muito de si. Existia uma ânsia por extravasar, libertar-se de masmorras enferrujadas, num castelo no topo da montanha do seu ser. E, entre a bruma de seus monstros particulares, o prisioneiro no ocaso da vida gritava.

Quanto a *Frankenstein*, a cena favorita do velho era aquela em que a criatura surgia na íntegra pela primeira vez. Aparecia de costas e virava-se lentamente, dando ao público a primeira oportunidade de vislumbrar seu semblante: o rosto cadavérico, a testa alta, o topo plano de sua cabeça e, principalmente, o olhar: absolutamente vazio, destituído de vida. Era enorme e ameaçador, embora letárgico. Sua primeira mostra de consciência foi quando, exposto à luz externa, ergueu ambas as mãos para o alto, desejando alcançar aquela metáfora da liberdade e da vida.

— Dispa essas personagens de seus aspectos aterrorizantes: a capa preta, a força descomunal, as feições malévolas, os terminais no pescoço, os grunhidos. O que você encontrará, Christopher?

O garoto receou responder. De qualquer modo, tinha certeza de que o tio-avô, em seu monólogo libertador, o faria. Estava certo.

— Solidão, filho. É isso o que restará: alguém sem ninguém no mundo, isolado da humanidade e de humanidade, escondido na escuridão, porém, no fundo, desejando ver-se compreendido e livre de sua sina.

"Filho?"

Essa foi a maior revelação para Christopher e um sentimento que, guardadas as devidas proporções, ele podia se identificar. Nunca pensara nos monstros nesses termos. Até então, eram apenas o estereótipo de criaturas sanguinárias, sem personalidade, meras personificações da maldade. Vinham para assustar as crianças e só serviam para serem abatidas no final pelo mocinho bem apessoado que, de resto, culminaria com a mocinha em seus braços. Até o lobisomem e a múmia poderiam ser vistas sob essa nova óptica revelada pelo tio-avô, o lado melancólico, trágico e infeliz de ser um monstro.

Mirou o velho, o qual encontrava-se ainda atento à televisão.

"Filho."

Até o tio-avô podia ser visto assim. Esse "monstro" de sobretudo puído, isolado em sua pequena fortaleza vitoriana, temido, evitado. Porém, no fundo, almejando alguém que o ouvisse, a quem pudesse compartilhar seu mundo, suas aspirações, suas rabujices e desilusões.

Christopher, meio a contragosto, viu-se apiedado do parente. E morreu de dó ao ver a criatura de Frankenstein ser devorada pelas chamas, enquanto, a redor, a turba alucinada brandia suas armas.

"... O maior monstro (...) encontra-se dentro de cada um de nós..."

Era verdade.

14 - SIMONE

Quantas pessoas no mundo viviam a falar e falar tantas coisas para dizer tão pouco? Se espremer o sumo das milhares de palavras, seria possível extrair ao menos algumas gotas? Como poder-se-ia saciar qualquer sede dessa forma?

Foi na manhã seguinte, outra vez na varanda, entre o sanduiche de mortadela e o café com leite, que o Tio Vampiro, inesperadamente, quebrou o silêncio.

Menos de dez palavras.

— Ela se chamava Simone... E eu a amava.

E quanto elas revelavam ou poderiam revelar nas entrelinhas do silêncio?

Sua visão estava perdida em um ponto distante, em meio às águas sombrias do lago abaixo.

O vento soprava rasteiro, distorcendo o reflexo das nuvens e das árvores; perfeita metáfora às recordações que, dos recantos escuros da alma, emergiam trêmulos e nebulosos. Imagens de um outro tempo e uma outra vida.

— Era para ela ser a sua tia-avó.

Christopher enrubesceu. Era algo tão íntimo e tão adulto. Como reagir perante uma pessoa velha falando de amor? Velhos amavam? Velhos se abriam para crianças sobre seus sentimentos? E, oras, velhos foram jovens um dia? Ainda era um pensamento difícil de assimilar, tão incompreensível quanto a noção de que ele próprio um dia o seria. Fosse como fosse, não se encontrava em absoluto a vontade em ouvir o tio-avô tocar nesse assunto. Ademais, fazia-o lembrar-se da bronca e de sua xeretice no quarto proibido.

Todavia, o Tio Vampiro foi em frente:

— Lá em cima, eu preparei o quarto que seria nosso. Pretendíamos casar. — Fez uma pausa, desviando seus olhos do lago para o céu azul, manchado de branco e cinza. — Contudo, ela foi levada embora. Um tipo de monstro roubou-a de mim.

Christopher imaginou alguma doença tal qual a afligir a vovó, mas não teve coragem de perguntar e, na verdade, sentia-se tão acanhado diante daquela confiança que, francamente, preferiria que o tio-avô mudasse de assunto. Orou até.

A prece não foi atendida.

— Para mim, ela representava o que havia de melhor e mais puro no mundo. Foi a minha primeira paixão, a primeira namorada. É complicado para você entender isso agora. Chegará o tempo e, espero, será feliz. No meu caso, isso nunca mais se repetiu. Os cabelos dela eram pretos, lisos e muito lustrosos. Quase alcançavam a cintura. O sorriso era o desabrochar de uma rosa. Costumávamos fazer longos passeios ao redor daquele lago. — Fez uma pausa, engolindo em seco. — Não havia tantas árvores ao redor na época. Tinha algumas cabanas de madeira e um pier onde nos sentávamos, roçando os pés na água para irritação dos pescadores. Às vezes, ela atirava uma moeda e fazia um pedido. Eu sempre perguntava que pedido era esse. E ela respondia ser um segredo e, se revelasse, ele não se realizaria.

O idoso ficou cabisbaixo.

Christopher observou o velho espremer o resto de pão em sua mão até os nós dos dedos ficarem mais brancos do que já eram. O rosto comprido

tornou-se mais lívido, fazendo destacar as veias azuis em suas têmporas. Mas, se ela havia morrido, com quem ele conversara no quarto? Quis tocar no assunto. Não se atreveu. Já ouvira sua mãe falar a um ursinho de pelúcia que ela ganhara no tempo de namoro. E até respondera por ele. Talvez fosse algo semelhante. Ele próprio não tinha lá suas discussões com seus robôs de brinquedo?

Ainda assim...

Tio Vampiro concluiu seu devaneio:

— Seja qual for o desejo, creio que não se concretizou.

Limpou a mão das migalhas, sem se importar com a sujeira no chão.

O silêncio caiu feito uma mortalha até o ponto de tornar-se incômodo e o menor dos ruídos fosse perceptível. No entanto, tudo o que houve naqueles instantes foi o vento a soprar nas orelhas.

Christopher deu uma mordida nervosa em seu sanduiche e, de boca cheia, disse:

— Gostei dos filmes.

Ele queria mudar o rumo da prosa — ou melhor, do monólogo — a qualquer custo, mas não foi de todo insincero. Sentiu-se surpreso ao admiti-lo. Contudo, agora dotado de um novo entendimento, concluiu ser verdade. *Apreciara Drácula e Frankenstein*. Ainda faltava ver Saruman — ou melhor, Christopher Lee — no papel do senhor dos vampiros, mas não teve coragem de pedir.

O Tio Vampiro suspirou, emergindo lentamente das águas fundas de suas memórias.

— Em seu tempo causaram furor. Até hoje são lembrados. Muita gente sentiu medo, porém, isso foi alguns anos antes da Segunda Guerra Mundial.

Durante a guerra, monstruosidades incomparavelmente piores revelaram-se. A crueldade, a destruição e o horror foram de tal magnitude que, perto deles, *Drácula* e *Frankenstein* não passavam de contos de fada. Conforme falei, o maior monstro...

— Está dentro de nós — completou o garoto.

— Isso. Talvez não por acaso, poucos anos depois do fim da guerra, uma dupla de comediantes estrelou o filme *Abbott e Costello Encontram Frankenstein*³⁸. Foi o princípio da desmoralização e banalização dessas e outras criaturas. Uma série de filmes ingleses procurou levar o horror adiante, com o "seu" Saruman principalmente. Mas, nos Estados Unidos o tema virou piada, substituído por foguetes, monstros radioativos e invasões alienígenas, as personificações do horror contemporâneos.

O tio-avô fez um momento de silêncio, contudo, logo acrescentou:

— Você quer saber o mais terrível?

— O quê, tio?

Pela segunda vez, o velho sorriu, embora fosse um sorriso triste.

— Eu gostei desse filme, dos humoristas. A princípio, senti estar

³⁸ *Abbott and Costello Meet Frankenstein*, Charles Barton, 1948.

traíndo os meus amigos, depois, consolei-me com o fato de que talvez, assim, eles tenham revelado ao mundo não serem tão pavorosos em comparação àquilo que a humanidade podia fazer. Ademais, o próprio Bela Lugosi participou do filme. Ele! Mais tarde, convenci-me de ter sido uma homenagem carinhosa aos velhos monstros do cinema, meus amigos. Assim, reencontrei a paz.

Christopher sorriu também. E ficou curioso.

Tio Vampiro pareceu ter telepatia e passou na frente.

— Gostaria de assisti-lo?

O garoto animou-se. Seria ótimo dar umas risadas.

— Claro!

— Então, termine o seu lanche e deixemos os assuntos tristes do passado onde devem ficar. Vamos trazer um pouco de luz às sombras dentro de casa. Oh, talvez goste de alguns episódios de *Os Monstros*³⁹, *Gasparzinho*⁴⁰ e *Monstros Camaradas*⁴¹.

— Gasparzinho eu conheço!

Sim, realmente, parecia que a luz retornara àquela casa.

.

³⁹ *The Munsters*, CBS, 1964/1966.

⁴⁰ *Casper the Friendly Ghost*.

⁴¹ *Groovie Goolies*, CBS, 1970/1972.

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO



Roberto Schima:

Eu colecionava os gibis de terror da Ed. Taika. Ganhei "Frankenstein", de Mary Shelley, aos treze anos. Deliciava-me com o sinistro Drácula de Nico Rosso e o galante Lobisomem de Sérgio Lima. Assistia aos filmes da Hammer, tendo Christopher Lee e Peter Cushing por ídolos. E lia pelos cantos as edições de bolso da série Trevo Negro, escritas pelo legendário R. F. Lucchetti. Desenhei diversos monstros que pintava com giz de cera. Apavorei-me com o episódio "O Monstro Invisível", de Jonny Quest. Mais tarde, li os gibis da série "Kripta"... Ah, sim, fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos.

Participo da revista "Conexão Literatura" desde sua edição nº 37.

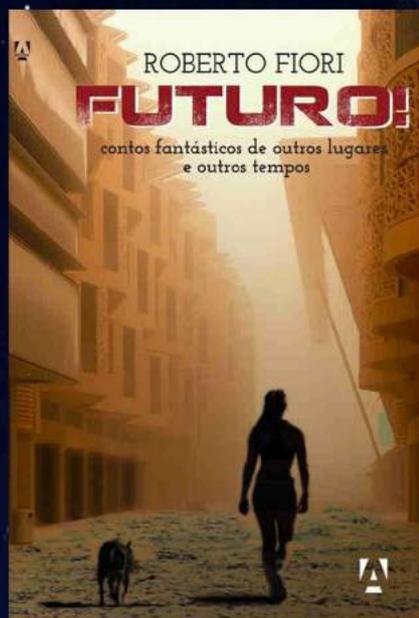
Maiores informações: Google, Clube de Autores, agBook, Amazon ou nos links abaixo:

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

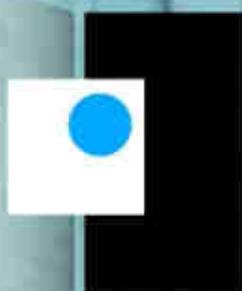
Contato: rschima@bol.com.br.



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



TOMO LITERÁRIO

Um blog sobre livros

www.tomoliterario.blogspot.com

 @Tomoliterario

 @Tomoliterario

 Tomo Literario

Lançamentos

Resenhas

Escritores

Indicações



Traveling Between Pages

www.travelingbetweenpages.com.br

Para os apaixonados por livros e entretenimento.

 /travelingbp  /travelingbetweenpages  /TravelingBP



www.livreando.com.br

Um blog sobre nossa maior paixão: Livros!

 /bloglivreando  /bloglivreando  /BlogLivreando

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL



FANPAGE: + DE 51 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 38 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com